



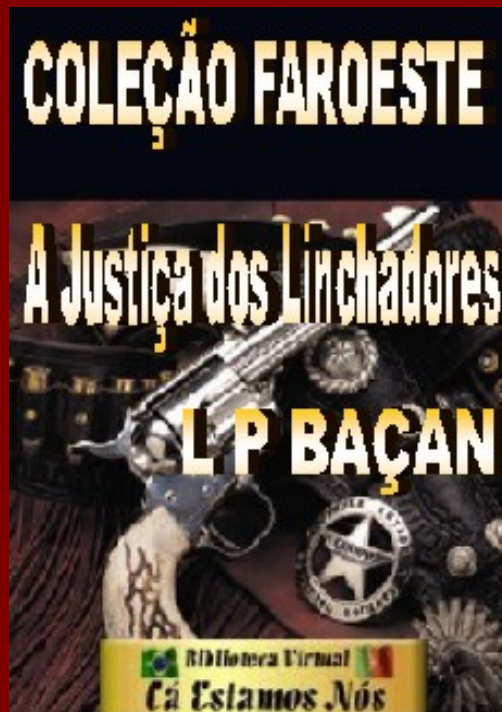
PORTAL Cá Estamos Nós

BIBLIOTECA VIRTUAL



[Próxima Página](#)





1ª Edição Eletrônica

L P Baçan

Capa e Edição Eletrônica: L P Baçan



Agosto de 2005

Música de Fundo: Blaze of Glory - Jon Bon Jovi

Direitos exclusivos para língua portuguesa:
Copyright © 2005 do Autor

Distribuição exclusiva através da Biblioteca Virtual "Cá Estamos Nós". Autorizadas a reprodução e distribuição gratuita desde que sejam preservadas as características originais da obra.

Divulgação "CÁ ESTAMOS NÓS" - Fundado em 15-07-98
Uma das maiores pontes literárias e de amizade entre Portugal e o Brasil
COLABORE NA GRANDE

BIBLIOTECA VIRTUAL "CÁ ESTAMOS NÓS"!

Portal "Cá Estamos Nós

Somos PRODUTORES e não Repassadores

CARLOS LEITE RIBEIRO

Marinha Grande «««»» PORTUGAL



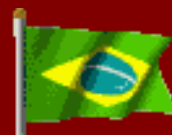
[Página Anterior](#)

[Próxima Página](#)



PORTAL Cá Estamos Nós

BIBLIOTECA VIRTUAL



[Próxima Página](#)



ÍNDICE

[O AUTOR](#)

[PREFÁCIO](#)

[A JUSTIÇA DOS LINCHADORES](#)

[Página Anterior](#)

[Próxima Página](#)



LOURIVALDO PEREZ BAÇAN

Nascimento: 08/01/50.

Local: Uraí - Norte do Paraná - Brasil

Formação: Pós-graduação em Literatura Brasileira

Atividades:

Professor de primeiro, segundo e terceiro graus

Bancário aposentado

Instrutor de Treinamento Profissional

Escritor: poeta, contista e novelista

Compositor letrista

Tradutor

Palestrante: Redação Criativa e O Processo Criativo

Publicações:

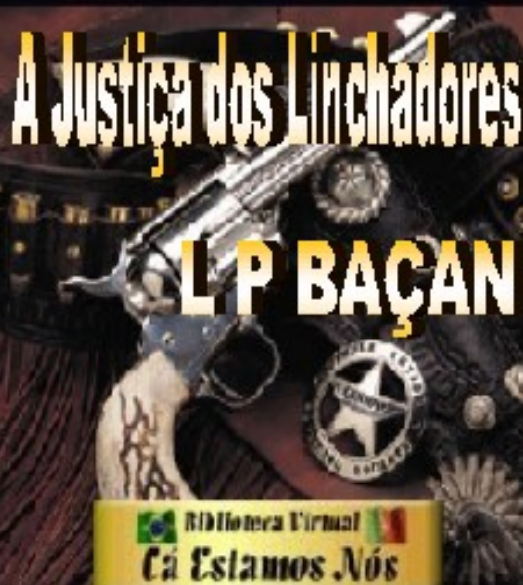
- Publicou em 1996 a novela rural **Sassarico**, sobre o fim do ciclo do café, início da rotação de culturas (soja e trigo) e surgimento dos bóias-frias
- Publicou em 1998 o livro de poemas **Alchimia** e em 1999 o livro **Redação Passo a Passo**.
- Já escreveu mais de 900 livros, publicados em sua maioria, sobre os mais diferentes assuntos, como: romances, erotismo, palavras cruzadas, charadas,

passatempos, literatura infantil, passatempos infantis, horóscopos, esoterismo, simpatias populares, rezas, orações, intenções, anjos, fadas, gnomos, elementais, amuletos, talismãs, estresse, manuais práticos, religião e livros de bolso com os mais diversos temas, letras para músicas.

[Página Anterior](#)

[Próxima Página](#)

COLEÇÃO FAROESTE



LIVROS DE BOLSO

Desde 1975, tenho me dedicado a um ramo pouco conhecido, mas muito consumido, da literatura: a chamada paraliteratura, representada pelos livros de bolso que, até há alguns anos, eram devorados por leitores de todas as idades e de todas as classes. A crise financeira, a televisão, o videocassete e o computador acabaram por suplantar esse tipo de leitura, que teimou em resistir, mas acabou sucumbindo. Escrevi livros com histórias amor, faroeste, policial, espionagem, terror e sexo,

além de textos sobre esoterismo e modismos que sempre vêm na esteira das novelas de sucesso hoje em dia. Já escrevi sobre horóscopos, ciganos, árabes, anjos, gnomos, fadas, orações, simpatias populares, rezas, rituais e tudo que se possa imaginar e que pode ser encontrado numa banca de revista. Pretensiosamente, vou aproveitar este espaço para ir mostrando um pouco desse trabalho insano de quase 30 anos.

Nenhum tema é empecilho para um escritor-fantasma. Ele tanto pode escrever sobre um tema esotérico como sobre receitas naturais e vida saudável.

L P Baçan

[Página Anterior](#)

[Índice](#)

[Próxima Página](#)

LIVROS DE BOLSO

FAROESTE A JUSTIÇA DOS LINCHADORES

CAPÍTULO 1

Seis homens conversam ao redor de uma fogueira, em algum ponto ao norte de Amarillo, Oklahoma, numa noite de outono, em meados do século passado.

Usavam capotes pesados sobre o corpo e traziam lenços no pescoço. A chama da fogueira iluminava rostos duros, marcados pela vida árdua do Oeste.

— Eu digo que o melhor lugar para isso são as terras ao redor do Lago Meredith. Poderíamos chamar a nova cidade de Meredith. Há muita madeira por lá e não teríamos problemas com água. Isso vai agradar os compradores — falou Sam Tyler, ajeitando o casaco no corpo.

— Eu também pensei naquelas terras — respondeu Brad Marshall, outro dos vendedores de terras. — Só que tudo que está no lado norte do lago já tem dono.

— Ouvi dizer isso também — ajuntou Dave Danton. — São três irmãos que tomaram posse daquelas terras e não venderão por dinheiro nenhum.

— Três irmãos? — indagou Sam. — Com famílias?

— Mulher e filhos, se não me engano — respondeu All Cooper. — Vamos ter de agir. Fazer o que fizemos em Santa Rosa.

— Rapaz! Aquilo sim foi um linchamento de verdade — riu Clarck Pleasant.

— Podíamos fazer o mesmo — propôs Bert Cooper, irmão de All.

— São três armas a nossa espera. Devemos agir com cautela — falou Sam. — Não basta ir chegando e atirando. Temos de fazer um plano de ataque para não cometermos nenhum erro. O que me dizem?

— Acho que Sam tem razão. Já rodamos a região toda nas últimas cinco semanas. Não há lugar melhor. O pessoal no leste quer comprar. Precisamos encontrar o que lhes oferecer.

— Fundaremos Meredith? — propôs Dave.

— Sim, Meredith! — responderam os outros.

— E o pessoal que mora lá?

— É fazer o que Sam propôs.

— Sim, isso mesmo — concordou Bert. — Já está tudo certo com o encarregado do Registro de Terras em Amarillo. Vai nos custar um bom dinheiro, porém valerá a pena. Se soubermos trabalhar desta vez, seremos os donos da cidade e nunca mais precisaremos repetir este golpe.

— Foi a coisa mais inteligente que ouvi nos últimos tempos, irmão — concordou All.

— Certo, pessoal! Vamos começar um esquema de vigilância naquelas terras, acompanhando aquele pessoal e estudando a melhor forma de pegá-los de surpresa — propôs Sam.

— Eu estive lá e observei algumas coisas — comentou Brad. — Eles recolhem as vacas de leite ao entardecer, fechando-as no estábulo. Bastará atear fogo lá e eles ficarão desesperados para salvá-las e poderão ser pegos de surpresa — opinou Dave.

— É um plano — disse Sam. — O que me dizem os outros?

— Digo que poderíamos tentar isto hoje. A lua cheia logo sairá e poderemos cavalgar até lá. Estamos próximos. Chegaremos a tempo de liquidar tudo isto antes da meia-noite — propôs

Clarck.

— Ok! Quem está comigo? — perguntou Sam e todos confirmaram. — Então vamos lá! Quanto mais cedo liquidarmos com isso, mais cedo teremos a nossa cidade, rapazes.

Os três irmãos Sherman haviam chegado àquelas terras poucos anos antes e tomado posse, pois eram terras do governo. Com dificuldade, juntamente com as esposas, começaram a explorar o rico potencial daquele lugar.

Cada um deles teve um filho, mais ou menos na mesma época. Os garotos completariam cinco anos dentro de alguns meses. Embora a vida fosse difícil e o trabalho fosse de sol a sol, os três estavam satisfeitos, pois sabiam que um grande futuro estava reservado para suas famílias.

Naquela noite, os três haviam se reunido na casa de Bud Sherman, o caçula dos três. Juntamente com as famílias, jantavam e conversavam.

Os garotos brincavam do lado de fora, apesar da noite fria. A lua cheia jogava uma claridade exuberante pelo pasto, pelas árvores que se desfolhavam e sobre a superfície tranqüila do lago.

— Pai! — gritou Roy Sherman, surgindo na porta.

— Roy, eu já lhe disse para brincar lá fora e não incomodar os adultos — repreendeu-o sua mãe.

— Mas mãe... É o estábulo...

— Maldição! — gritou Lane Sherman, que fora até a janela olhar. — O estábulo está pegando fogo!

— Como? — surpreenderam-se os outros dois irmãos, levantando-se e correndo para fora da casa.

Havia fogo no interior da construção. Os animais começaram a se debater, assustados.

— As vacas! — gritou Molly Sherman, mãe de Roy.

Os três homens correram para o estábulo desesperadamente, seguidos pelas mulheres. As crianças ficaram diante da casa, assustadas, observando.

Bud Sherman abriu a porta do celeiro. Os cavalos, que haviam arreventado as baias, saíram em disparada, atropelando-o.

— Bud! — gritou sua esposa, angustiada.

Os outros irmãos correram retirá-lo do caminho dos animais.

— Estou bem! — afirmou ele, embora sentisse dor nas costelas, quando respirava.

— As vacas! — insistiu Molly.

Roy correu para dentro do estábulo e as soltou, espantando-as para fora.

As vacas dispararam mas, quando chegaram fora do estábulo, foram abatidas a tira.

— Não! — gritou Molly, já que aqueles animais eram importantes na sobrevivência das famílias, fornecendo leite, manteiga e queijo.

Seis homens saíram da escuridão e cercaram os três casais, apontando-lhes suas armas. Usavam lenços cobrindo os rostos e pesados capotes.

— Quem são vocês? O que querem? — indagou Roy.

— Queremos as terras, só isso — disse Sam, a voz abafada pelo lenço que lhe cobria o rosto.

— Não vamos vender! — afirmou ele.

Os homens riram.

— Não viemos comprar. Vamos ficar com as terras, só isso.

— Temos o registro provisório do governo...

— Como você disse, provisório. Acaba de ser caçado.

Os irmãos se olharam. Havia deixado as armas nas suas casas. Estavam indefesos, sem chance de defesa.

— Terão de nos matar — falou Bud, esforçando-se para se levantar.

— Foi para isso que viemos, pessoal. Não nos deixam escolha — falou Sam e as armas foram engatilhadas.

— Não... Poupem as mulheres e as crianças — pediu Lane, aproximando-se.

— Sem chance — respondeu Sam, fazendo um sinal para os outros.

Lane havia conseguido se aproximar o bastante para segurar o cabresto do cavalo de Sam.

Puxou-o com força, torcendo-o, fazendo o cavalo tombar para o lado e derrubar o cavaleiro.

Avançou sobre ele, chutando-lhe a boca com violência. Sam sentiu pedaços de seus dentes voarem e cuspiu sangue.

Apertou o gatilho. A bala atravessou a perna de Lane, que gemeu e cambaleou, indo cair nos braços da esposa.

— Maldito! — berrou Sam, cuspidando lascas de dentes com sangue. — Amarrem-nos.

Os homens desmontaram e, com seus laços, amarraram os três casais.

— As crianças, onde estão? — quis saber Sam.

— Corram, meninos! Corram! — gritaram suas mães.

Roy, o mais esperto deles, segurou os primeiro pelas mãos e puxou-os.

Correram na direção do bosque à margem do lado.

— Atirem, seus idiotas! — berrou Sam.

Os homens dispararam na direção dos garotos, que desapareceram nas sombras do bosque.

As balas assobiaram, ricocheteando, fazendo um som terrível e assustador.

Ben, o filho de Lane, foi jogado no chão, quando uma bala o atingiu na perna, pouco acima do joelho.

— Ajudem-me — pediu ele aos primos, que pararam e voltaram.

— O que foi? — quis saber Jack.

— Minha perna... Está pegando fogo...

Roy bateu o local e sentiu o sangue escorrendo. Ben gemeu, quando a ferida foi tocada.

— Temos de ir embora... Você tem que andar, Ben... — pediu Roy.

— Não posso... Está doendo muito...

— Venha... Ajude-me, Jack — pediu Roy, fazendo Ben se levantar.

Amparam o primo e caminharam bosque a dentro. Os tiros haviam parado.

Procuraram um local seguro e ficaram escondidos.

— O que eles vão fazer com minha mãe? — quis saber Ben.

— Não sei, Ben. Fique quieto. Eles podem estar procurando a gente — recomendou Jack.

— São bandidos... São maus... Atiraram em Lane — murmurou Roy.

De repente, ouviram gritos de dor, seguidos de um tropel de cavalos.

— O que está acontecendo, Roy? — perguntou Ben, trêmulo e assustador.

— Não sei, Ben. Fique quietinho. Eles podem achar a gente.

— Eu quero a minha mãe... Está doendo... Doendo muito — reclamou a criança.

— Não fale! — pediu Jack, pedindo silêncio.

Os cavaleiros vieram na direção do bosque.

— Sei, Sam! Como vamos nos livrar desses garotos?

— Maldição! Como vou saber? Aquele maldito quebrou meus dentes... Dói tanto que nem consigo pensar...

— Vamos pôr fogo no bosque — sugeriu Brad.

— Isso, vamos fazer franguinhos assados — riu Bert, cavalgando até o estábulo.

Voltou com algumas tochas acesas, que distribuiu entre os outros.

As folhas secas, derrubadas pelo outono, incendiaram-se rapidamente. O fogo avançou, devorando o bosque com extrema facilidade.

— Á água... Vamos para a água... — alertou Roy, puxando seus primos.

Ben gemeu de dor, mas, amparado pelos outros, conseguiu chegar até o lago.

Atiraram-se na água fria e se afastaram do bosque em chamas.

Os cavaleiros deram-se por satisfeitos. Esporearam seus cavalos e se afastaram a galope.

— Temos de ir para Amarillo registrar a terra — ainda disse Sam, antes de se perderam ao longe.

As crianças agarraram-se a um tronco e ficaram flutuando no lago, distantes do fogo.

O frio ameaçava congelá-los, mas permaneceram firmes, com medo de voltar a terra.

A perna de Ben parou de sangrar. A água gelada contraiu o ferimento, impedindo que ele sangrasse até morrer.

Só mais tarde, bem mais tarde, quando o bosque havia sido consumido pelas chamas e fumegava apenas, decidiram voltar.

Roy convenceu os primos.

— Eles podem estar esperando — disse Ben, assustado.

— Não, eles já foram. Tenho certeza — afirmou Roy.

— Eu estou com medo... O que eles fizeram com minha mãe? E com meu pai? — choramingou Jack.

O estábulo ainda ardia. Havia muito feno estocado lá dentro. Os fardos queimavam lentamente, em meio aos escombros.

Os garotos, tiritando de frio, voltaram à margem e caminharam lentamente na direção da luz.

Ben mancava. Apenas doía. Roy lhe improvisara uma muleta com um galho de forquilha.

— Não! mamãe! Papai! — berrou Jack, desesperado, diante da cena.

As seis pessoas estavam penduradas num carvalho que havia próximo do estábulo.

Seus pescoços estavam torcidos grotescamente. Oscilavam, como pesadas folhas ao vento.

Os cavaleiros haviam amarrado suas mãos e pés, depois foram erguidos pelo pescoço.

No desespero e no estertor da morte haviam liberado seus intestinos, tornando a cena mais nauseabunda ainda.

As pobres crianças caíram de joelhos, olhando tudo aquilo sem entender.

Roy lutou contra as lágrimas que teimavam em inundar seus olhos.

Viu algo no chão, a sua frente. Apanhou. Eram três pedaços de dentes, manchados de sangue.

Apertou-os na mão. Pertenciam a Sam. Ouvira a conversa deles antes de incendiarem o bosque.

— Vejam, primos — disse ele, mostrando.

— O que é? — quis saber Jack, aturdido, passado, chocado.

— Pedaços de dentes... Daquele homem... Sam é o nome dele. Não devemos esquecer.

— Quero ficar com um pedaço — disse Ben.

— Eu também — pediu Jack.

— O outro é meu. Um dia, primos, um dia nos cresceremos e usaremos armas. E então nós vamos procurar o dono destes pedaços de dentes e vingaremos nossas famílias.

— Mamãe disse que a vingança pertence ao Senhor — falou Ben.

— Mas deve ter dito também "olho por olho, dente por dente, não?"

— Sim... Mas o que vamos fazer, Roy — soluçou Jack, olhando angustiando os corpos de seus pais pendurados no carvalho, diante de seus olhos.

— Vamos enterrá-los? — perguntou Ben.

— Não... — disse Roy, com lágrimas nos olhos, apertando com tanta força o pedaço de dente em sua mão que ele chegava a feri-lo.

— Mamãe disse que se deve enterrar os mortos — opinou Ben, soluçando.

— Temos que ir embora... Se ficarmos, eles vão voltar e nos matar — disse Roy, levando a mão à boca e assobiando de modo estridente.

Repetiu mais algumas vezes.

— É Millie! — apontou Ben.

A água de estimação de Roy se aproximava mansamente.

— Vamos pegar comida... Se souberem onde tem dinheiro, peguem... Vamos precisar...
— ordenou Roy, sem conseguir desviar os olhos da grotesca visão a sua frente.
— Para onde vamos, Roy? — quis saber Ben.
— Oklahoma City, na casa do vovô.
— Mas não sabemos onde é?
— Perguntaremos.
— Vamos nos perder.
— É arriscar ou ficar aqui e morrer.
— É muito longe — reclamou Jack.
— Vovô era um pistoleiro. Papai sempre contava histórias sobre ele. Se há alguém que pode nos ensinar a atirar, esse é o vovô — falou Roy, indo até sua casa.
Juntou comida. Sabia onde sua mãe escondia o dinheiro. Pegou-o.
Depois parou junto à porta olhando o cinturão e o revólver pendurados num cabide de galho.
Estendeu a mão e apanhou-os.

CAPÍTULO 2

Ao longo dos quinze anos seguintes, Meredith prosperou, aproveitando a madeira dos bosques que circundavam o lago e a água que tornava a terra fértil.
Gente de todo o Leste investiu naquelas terras. Lotes foram vendidos rapidamente. A cidade foi demarcada e vendida.
Os seis homens souberam aproveitar a oportunidade. Cada um possuía um ótimo rancho, lotes ao redor da cidade e havia se dedicado a um ramo.
Sam Tyler foi ser o dono do saloon, do hotel, de um restaurante, de duas cantinas e dos estábulos.
Brad Marshal abriu um banco, o First Meredith Bank, que vivia abarrotado com o dinheiro dos rancheiros e agricultores.
Dave Danton entrou para o política. Ele e Clarck Pleasant vinham se revezando na prefeitura da cidade, além de negócios com gado.
All e Bert Cooper exploravam o armazém, a casa de armas e a loja de tecidos e roupas.
Juntos, eram donos das maiores fortunas da cidade, que reunia mais dinheiro que poderiam gastar em toda uma vida.
Toda semana se reuniam nos fundos do saloon para jogar pôquer e traçar planos para o desenvolvimento da cidade e para aumentarem suas fortunas.
— Sam, você precisa trazer algo novo para o saloon. O pessoal que esteve em Amarillo disse que o saloon de lá tem as garotas mais bonitas do Oeste e shows todas as noites — cobrou Brad.
— Sim, eu sei o que você quer, seu safado — declarou Sam, ofendido. — Está cansado das garotas que tenho, não?
— Não é isso! Com mais garotas e novos shows, você manterá o saloon sempre cheio e poderá ganhar mais dinheiro para depositar no meu banco, seu estúpido!
Todos riram. Eram agora prósperos e honesto homens de negócio, cidadãos acima de qualquer suspeita.
— E você, Dave, quando vai ver meu gado para comprar? — quis saber Sam.
— Quando você trouxer as novas garotas — riu Dave.
— Vamos falar sério agora, rapazes — disse Clarck. — Soube que um sujeito está vindo para cá para abrir um jornal. O que me dizem disso?
— Parece-me um bom negócio — falou All. — Ele aceitará sócios?
— Já somos sócios de tudo na cidade — lembrou Bert.
— E é isso que nos torna ricos — riu Sam.
— Aprovamos ou não? — quis saber Dave.

— Se pudermos ser sócios, tudo bem — concordou Sam.

Os outros confirmaram.

— Há um problema a ser resolvido — falou Brad, o banqueiro. — Sabem aquele lote próximo à entrada de água, no norte do lago?

— Sim, foi comprado por um velhote de Oklahoma City, só que ele nunca apareceu por aqui. As terras estão abandonadas. Acho que aquele imbecil morreu.

— E aquelas são as melhores terras da região — lembrou Clarck. — Fazem divisa com as minhas terras. Eu adoraria anexá-las.

— Pois eu pensava justamente nisso — falou Dave. — Elas fazem divisa com as minhas terras também.

— Mas eu não vejo problema nenhum nisso — disse Sam, encarando Brad.

— Ninguém esperou eu terminar de falar, diabos! — protestou ele, jogando as cartas na mesa. — O nosso homem no Registro de Terras me trouxe hoje uma cópia da transferencia daquelas terras. Esta aqui. Vejam por si mesmos! — finalizou, atirando um papel dobrado sobre a mesa.

Sam apanhou-o e o abriu.

— O que há de errado? — indagou. — Parece que o velho deu as terras para seus netos... O que tem isso?

— Você é burro e cego, Sam. Veja isto! — disse, furioso pondo o dedo encima dos nomes. — Sherman! Lembra-se disto?

Os outros homens se entreolharam, pensativos, voltando no tempo, até uma noite fria de outono, quando um estábulo ardia em chamas e os corpos de seis pessoas pendiam de um carvalho. O mesmo carvalho que agora fazia sombra na praça diante do banco e do saloon.

— Três rapazes? É possível? Não! Nós os queimamos naquela noite — falou Brad.

— Não podiam ter escapado. É coincidência apenas. Eu me lembro de ter vendido aquele lote para o velho. Parecia mais um pistoleiro aposentado que um avô preocupado com seus netos — comentou Dave.

— Esperem um pouco — disse All Cooper. — Acho que o Brad, que tomou conhecimento disso, deve ter alguma coisa para falar a respeito. O que me diz, Brad?

O banqueiro acendeu um charuto, tomou um gole de seu uísque, depois olhou um por um de seus sócios.

— Só sei que se chamam Sherman. Roy, Ben e Jack Sherman. O avô lhes deu as terras ao norte do lago, inclusive o desfiladeiro por onde passa o rio que alimenta o lago. Está tudo legalizado. Só que ninguém sabe onde encontrar esses três, de onde são, se vão tomar posse das terras ou não... Nada! Absolutamente nada!

— Não gosto disso — falou Dave, coçando-se todo. — Meus velhos ferimentos me alertam. Eles sentem o cheiro de encrenca, vocês sabem disso.

— Isso foi há quinze anos atrás, Dave. Agora você se coça é de sujeira mesmo. Um bom banho resolveria isso — brincou Sam, mas ninguém riu.

— Não podemos nos arriscar, pessoal — falou Brad. — Temos muito a perder. Se são os filhos dos Sherman que matamos naquela noite, vai haver encrenca. O tipo de encrenca que gostaria de evitar.

— E como? — indagou All.

— Sam, você ainda tem aqueles três pistoleiros tomando conta do saloon, não?

— São e são bons.

— Sugiro que os deixe em alerta. Se esses jovens aparecerem por aqui, mande seus pistoleiros acabarem com eles.

— Está brincando! Sabe há quanto tempo não há um tiroteio em Meredith? É isto que faz dela uma das cidades mais procuradas do Oeste. Gente honesta vem para cá, ninguém mais — alertou Clarck, que era o atual prefeito.

— Vocês estão se preocupando à toa, pessoal — falou Bert, que refletira por instantes, observando os sócios.

— O que tem em mente, Bert? — indagou Sam.

— Quem é o xerife?
— Franklin Tyler, meu sobrinho, por quê?
— Porque Franklin terá que justificar seu salário pelo menos uma vez na vida. Ser xerife não é só aliviar as carteiras dos bêbados que ele recolhe no final de semana...
— Ei, não fale assim do Franklin — interrompeu-o Sam.
— Cale a boca, Sam, e deixe-o falar — ordenou Brad.
Sam ficou mordiscando os lábios com seus dentes quebrados, num gesto de nervosismo.
— Se esses rapazes aparecerem por aqui, faremos o xerife encontrar uma forma de prendê-los e jogar a chave fora. Ou, então, de expulsá-los da cidade. Se for preciso, os pistoleiros de Sam cuidarão de tudo, fora dos limites de Meredith.
— Esse me parece um bom plano — comentou Bert.
— Sim, e se for preciso, traremos de volta os Linchadores. Faremos com eles o que fizemos com seus pai — sugeriu Sam, com arrogância.
— Sim, e por quê não? Um pouco de agitação iria tornar meus dias mais alegres — murmurou Bert.
— Vocês serão sempre um bando de arruaceiros — disse o banqueiro, rindo.
Os outros riram com ele, agora despreocupados.

Era final de verão e o calor já não era tão intenso. As primeiras folhas começavam a cair das árvores, anunciando a chegada do outono.

Os primeiros ventos frios já sopravam a noite, prevendo um inverno rigoroso na próxima estação.

Os três cavaleiros desceram a rua principal de Amarillo, na direção do saloon Midland Blues.

Vestiam capas de viagem, cobertas de poeira. Usavam chapéus de copa amassada, diferente daqueles usados pelos vaqueiros.

Eram jovens ainda, muito embora os vincos em seus rostos denotassem muito sofrimento.

A vida parecia não ter sido agradável para eles, mas a maneira ereta como cavalgavam demonstravam que ali estavam homens embrutecidos, acostumados às tragédias.

Tinham olhos claros, quase cinzentos. Uma barba indefinida pontilhava seus rostos. Pareciam-se, como irmãos ou primos.

Havia muito movimento nas ruas de Amarillo. Ninguém os notou, quando amarraram seus cavalos diante do saloon.

— Estou louco por uma cerveja — disse Ben.
— Você sempre está louco por cerveja, Ben — brincou Jack.
Roy, o mais ajuizado dos três, olhou ao redor.
— Ali! — apontou, indicando o Escritório de Registro de Terras.
— Você vai até lá ver se está tudo certo? — perguntou Jack.
— Sim, passamos por aqui para isso, não?
— E pensar que toda a região era nossa... — lamentou Ben.
— Não se preocupe, rapazes. Vovô nos disse o que deveríamos fazer, antes de sua morte. Vamos seguir exatamente o que ele planejou. Eu vou ao escritório — falou Roy.
— Eu vou com você — disse Jack.
— E eu vou na frente, pedir as cervejas — avisou Ben.
— Esse não muda nunca, Roy — falou Jack, empurrando Roy para o meio da rua.
— Quero a minha bem gelada — avisou Roy.
— Pode deixar — respondeu Ben.

Galgou com certa dificuldade os degraus da rua até a entrada do saloon.

Empurrou a porta vaivém e entrou, mancando. Desde que fora baleado na perna, perdera parte da mobilidade.

Coxeou até o balcão. Ele ouviu risos e alguém falando alto, mas estava sedento, só pensando na cerveja.

Chegou ao balcão, abriu a capa de viagem e bateu a poeira.

— Você vai me sujar todo o saloon — reclamou o barman.

— Então me traga uma cerveja bem gelada — pediu Ben.

— Você é maluco ou o quê? — indagou o outro.

— Por quê?

— Por que acaba de arrumar a maior encrenca da sua vida. Big Ben Jack está vindo aí — disse o barman, afastando-se.

Sem entender, Ben se voltou. Um homem alto e forte, vestindo roupas negras e um chapéu enfeitado com rosetas de prata caminhava na sua direção.

Usava dois Colts em seu cinturão, que tinha coldres baixos, bem baixos, os mais baixos que Ben havia visto.

— Você está me gozando, forasteiro? — indagou Big Ben Jack caminhando alguns passos.

Coxeava como Ben. Ao perceber isso, o rapaz começou a rir. Big Ben se irritou.

— Seu bastardo filho da mãe. Como é seu nome? — indagou o grandalhão.

— Ben — respondeu o jovem, confuso.

— Ele é o Ben Pequeno e você é o Ben Grandão — pilheriou um dos homens que estavam atrás de Big Ben, que se sentiu ainda mais ofendido.

— Você está me gozando? — indagou.

— Por quê?

— É burro ou o quê?

— Que diabos, homem! Meta-se com sua vida e me deixe em paz. Só quero tomar minha cerveja. Barman! — gritou Ben. — Cadê a minha cerveja — ordenou, jogando uma moeda sobre o balcão.

Sentiu, então, a mão pesada de Big Ben Jack pousando em seu ombro.

Respirou fundo. Seu avô dizia que Ben era o estopim mais curto de todos os três.

Principalmente quando queria tomar uma cerveja e não o deixavam.

Havia uma garrafa de uísque pela metade sobre o balcão. Ben a apanhou e girou o corpo rápido como um raio.

A garrafa se espatifou na testa de Big Ben, que ficou parado, enquanto o sangue lhe escorria pelo rosto.

— Isto não foi legal! — murmurou ele, sem se abalar com a pancada.

— É? — indagou Ben. — E isto? — acrescentou, enfiando o bico de sua bota entre as pernas do grandalhão.

O rosto de Big Ben Jack azulou-se, esverdeou-se e depois avermelhou-se.

Ele se encolheu, apertando as partes baixas. Ben fechou o punho direito e o bateu direto sobre o nariz do outro.

Quando seu punho recuou, veio lambuzado de sangue. Big Ben caiu para trás.

Ninguém se moveu no saloon. A música parou. No palco, as garotas surgiram, escondidas atrás da cortina.

— E a minha cerveja, caramba! — disse Ben, batendo a mão no balcão.

Foi como se um inseto, um besouro grande, uma vespa enorme, uma abelha das graúdas passasse rente ao seu ouvido.

Zumbindo, aquela forma metálica foi se cravar na parede à frente do rapaz, no outro lado do balcão, a milímetros do enorme espelho.

Ele não precisou se voltar para ver o mestiço que havia arremessado a faca.

Se havia algo que Ben detestava, desde quando era criança e recebera aquele maldito tiro na perna, era ser atacado.

Aquele tiro o marcara porque não pudera se defender. Agora tinha armas e sabia usá-las. Graças ao avô.

— Idiota! — disse ele, enfiando a mão entre as costas e a capa de viagem.

O mestiço vinha na sua direção. Ben brandiu sua faca Bowie pelo cabo, girou-a no ar e a segurou pela ponta.

O seu agressor não se deteve. Ben atirou a faca com força. O mestiço caiu de boca no assoalho, pois seu pé ficara preso na madeira.

A lâmina traspassara a bota e seu conteúdo. Ele gemeu de dor.

Big Ben recuperou o fôlego e a valentia. Agarrou uma cadeira e a atirou na direção de Ben.

O rapaz se abaixou e a cadeira arrebentou garrafas e o espelho.

— O prejuízo é dele. Não tenho culpa — falou Ben, olhando para o barman.

— Cuidado! — gritou uma garota no palco.

— Obrigado, moça! — disse ele, afastando o corpo para o lado.

Big Ben abaixara a cabeça e avançara como um touro bravo, disposto a arrebentar o homem a sua frente.

Ao invés disso, encontrou a madeira sólida do balcão. Bateu e recuou, desequilibrado.

Ben avançou contra ele. Enterrou o punho no estômago do grandalhão, que bufou, soltando gases inesperadamente.

— Isto não foi educado — falou Ben.

— Maldito! — rouquejou o mastodonte, aprumando-se.

Ben não percebera que o mestiço, possesso, havia arrancado a faca que prendia seu pé ao assoalho.

E que agora partia para cima dele, agarrando seus braços e os prendendo às costas.

— Ele é todo seu Big Ben Jack! — disse o mestiço.

Ben tentou imaginar como ficaria sua cara quando o grandão terminasse com ele.

CAPÍTULO 3

Roy e Jack saíram do Escritório de Registro de Terras e atravessaram a rua na direção do saloon.

De repente, a porta se abriu e Ben foi arremessado para fora, indo se estatelar na poeira, aos pés dos dois.

— Meu Deus! Eu só queria tomar uma cerveja — murmurou Ben, com um corte na boca, de onde escorria um filete de sangue.

— Diabos, Ben! Não consegue ficar longe de encrencas? — repreendeu-o Jack, ajudando-o a se levantar.

Ben espanou-se com o chapéu, envolvendo os dois numa nuvem de poeira.

— O que houve lá dentro? — quis saber Roy.

— Eu não fiz nada! — afirmou Ben.

— Se nós não o conhecêssemos, até poderíamos acreditar em você, Ben — riu Jack.

— Você quer ver como é? Então faça o seguinte. Sabe quando você me imita, mancando como um idiota? — indagou Ben.

— Sim, e você fica furioso.

— Pois quero que faça o mesmo enquanto entra no saloon.

— Para quê?

— Para provar que eu não fiz nada lá dentro — respondeu Ben.

Jack olhou-o desconfiadamente.

— Vamos, Jack! Você me imita tão bem — desafiou Ben.

— Certo! Vamos ver que diabos está havendo por aqui — decidiu-se Jack, entrando confiante no saloon.

Roy ia seguí-lo, mas Ben o deteve, segurando-o pelo braço.

— Espere aqui! Vai ser divertido! — afirmou a Roy, que ficou sem entender.

Segundos depois, após o ruído de socos, Jack saiu pela porta como um foguete, indo se espalhar na poeira da rua.

Ben olhou para ele e riu a valer.

— O que houve? — indagou Jack, aturdido, sem ter entendido o que acontecera.

— Nós é que perguntamos — disse Roy.

— Eu estava entrando, chegando perto do balcão. Aí um sujeito me segurou por trás e outro veio para cima de mim como um possesso, espancando-me.

— Diabos! Isso não passa de gozação de vocês — falou Roy, entrando no saloon.

Olhou ao redor. Todos os olhos estavam concentrados nele. Caminhou até o balcão.

— Você não manca também? — indagou Big Ben Jack, pondo-se ao lado dele.

O mestiço foi se posicionar do outro lado. Roy farejou encrenca no ar.

Ben e Jack entraram e ficaram parados na porta.

— Vamos ver como Roy se saí dessa — disse Ben.

— Eles vão machucá-lo — afirmou Jack. — Roy é cabeça dura.

— Como você me viu, ao entrar, eu sou perfeitamente são — disse Roy a Big Ben, respondendo à pergunta feita.

— E tem alguma coisa contra os que mancam?

— Só quando são muito abusados e intrometidos como você — respondeu Roy, preparando-se para a briga.

Big Ben sorriu para o mestiço, que ensaiou o gesto de prender os braços de Roy por trás.

Em resposta levou uma cotovelada no queixo que o fez morder a língua.

— Maldição! — gemeu o meio índio, recuando.

Roy aproveitou e meteu-lhe um chute no estômago, fazendo-o cair de joelhos, enquanto se abaixava.

O punho de Big Ben Jack passou assobiando sobre sua cabeça, como potência de um martelo.

Roy golpeou-o nos dois lados da barriga, fazendo-o bufar e ficar sem fôlego.

Segurou-o pelas orelhas e jogou-o para baixo, na direção do joelho que subia.

A pancada atingiu o nariz do grandalhão em cheio, jogando-o para trás com a cara ensangüentada.

Nesse momento, uma garrafa foi quebrada atrás dele. Roy se virou a tempo de ver o mestiço empunhando o gargalo quebrado e aguçado como uma arma.

— Se eu fosse você largava isso aí — disse ao seu oponente.

— Vou largá-la, sim, mas na sua cara, branco intrometido — rugiu ele, avançando contra Roy.

A garrafa passou roçando seu braço, quando ele se desviou para o lado.

Em resposta, golpeou o queixo do seu agressor de cima para baixo, jogando-o no assoalho.

Um grito de dor ecoou no saloon, quando Big Ben teve sua mão atravessada pela faca de Ben.

O grandalhão gemeu, contorcendo-se no assoalho. Roy chutou-lhe o rosto, pondo-o para dormir.

Virou-se para o barman.

— Podemos tomar uma cerveja em paz agora?

— Sim, todas que quiserem — respondeu o homem, olhando na direção da porta.

O xerife e dois ajudantes acabavam de entrar, empurrando Ben e Jack para o lado.

Aproximaram-se de Roy.

— De onde é, estranho? — perguntou o xerife.

— Oklahoma City.

— O que quer em Amarillo?

— Somente tomar uma cerveja e dar o fora bem depressa.

— Não gostamos de arruaceiros aqui.

— Então devia expulsar aqueles dois ali — apontou, na direção de Big Ben e do mestiço, que dormiam no assoalho.

— Quer me ensinar como ser xerife?

— De modo algum. Só quero tomar uma cerveja e ir embora.
— Houve algum prejuízo, Sam? — indagou ao barman.
— Não, nada além de uma garrafa vazia quebrada.
— Certo. Tome sua cerveja depois caia fora, forasteiro. Se estiver aqui ao pôr-do-sol eu mesmo me encarregarei de levá-lo aos limites da cidade — ameaçou o homem da lei.
— Tem sorte de eu estar com pressa, xerife — falou Roy, bebendo a cerveja que o barman lhe trouxera.
— Por quê?
— Porque senão eu pagaria para ver isso — afirmou o rapaz, cravando nele seus olhos claros e faiscantes.
O xerife empalideceu e recuou um passo, medindo o homem a sua frente.
Roy jogou para trás a aba da capa de viagens, descobrindo o Colt no coldre baixo.
— Eu aceitaria a aposta — afirmou o xerife, sem muita convicção, engolindo seco. — Você ouviu o que eu disse, não? — finalizou, retirando-se.
Ben e Jack se aproximaram. O primeiro deles retirou a faca cravada na mão de Big Ben. Com seu lenço amarrou o ferimento do grandalhão, que sangrava muito.
— Pago um dólar para quem levá-lo ao médico — disse.
Dois voluntários se apresentaram. Ben deu a cada um deles um dólar, mais cinco dólares para pagar o médico.
— E para mim, nada? — indagou o mestiço, cuspidando sangue, enquanto se levantava.
— Eu lhe pago um uísque para desinfetar — afirmou Roy chamando-o para o balcão.

O homem havia cavalgado toda a tarde, com um cavalo veloz e resistente, indo de Amarillo até Meredith.

Levava um importante recado do oficial do registro de terras para o banqueiro daquela cidade.

Brad Marshal o recebeu na sala reservada do Banco.

— Tenho um recado de Amarillo para você — disse o cavaleiro, extenuando pela longa e frenética cavalgada.

— Sim, fale logo.

— Disseram que eu receberia vinte dólares por isso...

— Aqui estão seus vinte dólares — respondeu Brad, abrindo a carteira e pondo as notas na mão dele.

— Mandaram dizer que os três estão vindos e que são encenqueiros de primeira, gente da pior espécie.

— Só isso?

— Sim, só.

— Está bem, obrigado! Fique com mais cinco dólares para alimentar o cavalo. Fez um bom trabalho.

Brad se apressou em ir até o saloon, onde Sam conversava com um gigolô que corria as cidades oferecendo dançarinas para toda e qualquer espelunca que encontrasse.

— Ei, Brad! Acabo de contratar dez novas garotas, cantora, dançarinas e até uma que faz mágicas. Pode imaginar isso? — falou Sam, com entusiasmo.

Ao ver a cara de preocupação do sócio, porém, despediu o empresário para ficar a sós com Brad.

— O que foi?

— Eles estão vindo. Passaram por Amarillo. O oficial do registro de terras mandou um cavaleiro me avisar. Disse que são da pior espécie.

— Neste caso, é um trabalho para os Linchadores, não?

— Deixe de ser idiota, Sam. Não temos mais idade para essas coisas. Onde estão aqueles seus pistoleiros?

— Aqueles são como gatos gordos. Acostumaram-se à vida mansa, Brad. Nem sei se poderão fazer o trabalho.

— Terão que servir. Além disso, há aqueles que ficam rondando o saloon todas as noites. São uns mal encarados que se prestarão ao serviço.

— Se quer, falo com Waco agora mesmo e deixo tudo nas mãos dele.

— Sim, faça isso. Uma emboscada no Desfiladeiro Van Horn resolveria tudo. Eles poderiam ficar enterrados por lá mesmo, que não fariam falta.

— Eu vou falar com Waco. Só que vamos ter que gastar um pouco de dinheiro.

— Ao diabo com o dinheiro, homem. É a nossa tranquilidade que está em jogo.

— Tudo bem, eu cuido disso então — finalizou Sam.

Brad saiu apressadamente para informar o que se passava aos outros sócios.

Sam mandou chamar Waco, o pistoleiro que cuidava do saloon, afastando os desordeiros.

— Waco, soube que você agitou Abilene nos velhos tempo, é verdade isso?

O pistoleiro sorriu, convencido.

— Abilene, Wichita, Tulsa e todas as cidades a oeste de Oklahoma City. Por que pergunta, Sr. Tyler?

— Como vai sua pontaria?

— Tenho praticado sempre.

— Aceitaria um trabalho extra?

O pistoleiro coçou o queixo, tentado.

— O que precisar de mim.

— Três homens estão vindo de Amarillo. Três rapazes ainda. Quero que os espere no Desfiladeiro Van Horn e dê as boas vindas de Meredith para eles.

— Vou precisar de mais gente.

— Quem vai levar?

— Encontrarei quem preciso na cantina na saída da cidade. É onde estão os vaqueiros desempregados, os pistoleiros e os fugitivos. Levarei Newton e Hunt comigo. Apanharei mais três lá na cantina.

— Quanto me custará tudo isso?

— Duzentos dólares para mim cem para cada dos homens.

— É justo! — concordou Sam. — Receberão depois que o trabalho estiver terminado.

— Ótimo! Vou cuidar disso agora mesmo — falou Waco.

— Sim, apresse-se que eles devem estar chegando.

As mulheres estavam na carroça fechada, com apenas duas janelas laterais para ventilação.

Viajavam presas aos bancos por correntes. Thompson não facilitava. Pagava caro por elas e as vendia caro da mesma forma.

Soltou a corrente que prendia todas elas pelos tornozelos a aros sob os bancos.

— Desçam, garotas! Vão conhecer seu novo lar! — disse eles, empurrando-as para a porta dos fundos do saloon, onde Sam as esperava, satisfeito com o negócio.

— Quem é a cantora? — indagou ele.

— Angeline, a lourinha.

— E quem faz mágica?

— Eu, seu monte de banha — respondeu Alma, uma ruivinha temperamental.

— Não fale assim com seu novo patrão — repreendeu-a Thompson, dando-lhe um cascudo na cabeça.

— Ei, vai estragar minha mercadoria! — protestou Sam, empurrando-o para trás.

— Como quiser, Sr. Tyler, mas eu o advirto. Cuidado com elas! Tem mais unhas que um

puma e sabem brigar com um índio desesperado.

— Eu tomarei conta delas. Quanto a você, moça que faz magia. O que sabe fazer desaparecer?

— Posso começar por isso que você tem no meio das pernas — falou ela, aborrecida. Sam riu a valer do gênio da garota.

— Vamos nos dar muito bem, se eu não lhe quebrar todos os dentes logo cedo — ameaçou ele, parando de rir e encarando-a de frente.

Alma percebeu que ele não brincava.

— E esta, quem é? — indagou a Thompson, referindo-se à jovem que descia da carroça, envolta num cobertor índio.

— Essa é Mineola, a mestiça.

— Oh, sim! A quem faz show com facas, chicotes e armas?

— Essa mesma! Atira melhor que muito marmanjo que conheço e pode manejar um chicote como se fosse um leque.

— Bem, garotas, todas para dentro. Vão encontrar acomodações no andar superior. Descansem, tomem banho, pintem-se e perfurem-se. Quero alguma agitação hoje à noite.

Houve uma reclamação geral, pois todas alegavam cansaço pela viagem.

— Só há duas maneiras de lidarem comigo, garotas — falou Sam, suavemente. — Uma é fazendo tudo o que eu ordeno e, com isso, recebendo toda a minha gratidão. E eu sei ser grato a quem me ajuda ganhar dinheiro. A outra forma de lidar comigo é... Bem, vamos poupar detalhes desagradáveis. Vocês acabam de chegar de viagem e sei que estão ansiosas para me agradarem, não? Agora, por favor. Todas para cima! — finalizou ele e elas, em silêncio, trataram de fazer o que ele ordenara.

Subiram para o pavimento superior do saloon, onde havia os quartos e os banheiros.

Mineola, Angelina e Alma ficaram no quarto dos fundos, enquanto que as dançarinas escolheram logo os primeiros aposentos, mais próximos da escada.

— Maldição! Eu daria a minha vida para apanhar aquele maldito Thompson pelo pescoço — falou Mineola. — Enganou-se direitinho. Falou que nos levaria à Califórnia e vejam no que deu. Nos vendeu para esse louco nesta cidadezinha de nada, no meio do nada.

— E algo me diz que devemos nos conformar com isto — disse Angeline. — Pelo menos esse tal de Sam me parece mais fácil de lidar que Thompson.

— Assim espero — afirmou Alma, deitando-se na cama e desejando dormir.

CAPÍTULO 4

O sol começava sua lenta e inexorável descida, anunciando o fim do dia.

Os três cavaleiros detiveram seus animais à margem de um córrego.

Roy desceu, tirou o chapéu e encheu-o de água, derrubando-a depois sobre a nuca e os cabelos.

Ben e Frank fizeram o mesmo. Ficaram ali, molhando-se e se refrescando da longa cavalgada, enquanto olhavam na direção da entrada do Desfiladeiro Van Horn.

— É ele, não? — indagou Ben, referindo-se ao desfiladeiro.

— Sim, só pode ser — respondeu Jack.

— Vovô nos alertou que, se soubessem de nossa vinda, ali seria o lugar ideal para nos esperarem, rapazes — comentou Roy.

— O que acham? — quis saber Ben.

— Eu acho que eles não sabem — opinou Jack.

— Passamos pelo Escritório de Terras. Eu vi o registro de tudo aquilo em nome deles. Nada havia sobre o registro provisório, conforme o próprio vovô já havia apurado. Para isso, precisariam da conivência do oficial de registro. Ele pode ter mandado alguém na nossa frente, enquanto ficávamos vendo Ben querer tomar toda a cerveja do saloon, só para impressionar aquela garota — reclamou Roy.

— Puxa, Roy! Eu estava mesmo com sede. Cavalgamos direto de Oklahoma City até Amarillo sem parar em nenhum saloon pelo caminho. Ainda devo estar um barril atrasado.

— Então deixe para tomá-lo em Meredith, se chegarmos lá. Pode ser que furem sua pança que não pare nela nem mais uma gota de cerveja — brincou Roy.

— Ok, Roy! Não temos outra alternativa a não ser passar pelo desfiladeiro, não? Só que eles esperam três homens. Um de nós pode ir na frente e sondar o ambiente — sugeriu Jack.

— Acha que eles seriam tão burros assim — discordou Roy.

— Espere um pouco, Roy! Está sendo severo demais com o Jack. Se ele tirar essa capa de viajante, vai parecer um vaqueiro comum.

Roy pensou por instantes.

— Sou obrigado a concordar com vocês. Não temos outra alternativa. eu vou na frente, então. Se perceber alguma coisa, volto para avisá-los.

— Eu não disse, Jack? É só eu ter uma boa idéia e o Roy a pega para si — reclamou Ben.

— Você ter uma idéia? Não me faça rir, Ben — ironizou Roy.

— Pensa que só você é inteligente, não é? Pois posso lhe dar uma idéia muito boa. Melhor até que esta que você pegou para você.

— Está certo. Vamos lá, dê outra idéia, então? — desafiou-o Roy.

— Uma boa idéia! — murmurou Ben, coxeando de um lado para outro.

Roy começou a rir, enervando-o.

— Deixe-o pensar, Roy — repreendeu-o Jack.

— Você se lembra daquela vez que vovô e mais alguns amigos foram recuperar uns cavalos roubados pelos índios? Ele contava isto sempre — falou Ben. — Pois esta é uma boa idéia.

Roy e Jack se entreolharam.

— O que me diz, Roy? — indagou Jack.

— Diabos, mas ele conseguiu, Jack! Ele conseguiu — riu Roy, empurrando Ben para dentro do rio, depois atirando-se sobre ele.

Algum tempo depois, um cavaleiro entrava no desfiladeiro. Puxava pela rédea dois outros cavalos, em cujas selas estavam atravessados seus cavaleiros, como se estivessem mortos.

Havia silêncio no cânion. Apenas o eco das pisadas dos cavalos, com as ferraduras resvalando nas pedras, se ouvia.

Olhos atentos, Roy vasculhava as rochas ao redor da estreita passagem.

— Viu alguma coisa? — indagou Ben.

— Cale-se! Você está morto, idiota! — falou-lhe Jack.

— Nada ainda, mas aqui é muito estreito. Ali na frente a passagem se alarga. Com certeza estão lá, para nos apanhar em fogo cruzado. Fiquem quietos.

Roy continuou. Seus olhos atentos perceberam movimento atrás das rochas.

A sombra de um chapéu se moveu. O reflexo do cano de um rifle cintilou por instantes. Uma pedra escorregou pela encosta.

— Preparem-se! Estão ali, na nossa frente.

— Quantos? — quis saber Jack.

— Não sei! Fique quieto.

Na encosta, observando aquele cortejo, Waco ficou intrigado, tentando imaginar o que era aquilo.

Havia disposto o grupo de seis homens nas duas encostas, prontos para um fogo cruzado sobre três cavaleiros que passariam por ali.

O que via, no entanto, era um cavaleiro puxando dois mortos. Olhou na direção da entrada do desfiladeiro. Nada havia, além dos três.

Levantou-se de seu esconderijo, com o rifle engatilhado.

— Ei, você! Pare aí! — ordenou.

Roy parou seu cavalo, detendo os outros dois.

— Estou vendo três do lado de cá — falou Ben.

— Então deve haver mais três, no mínimo, do outro lado — deduziu Jack.

— O que quer? — gritou Roy para Waco.

— Quem é você? E quem são esses aí?

— Eu estou a caminho de Meredith. Encontrei esses dois homens mortos na margem de um córrego lá atrás. Havia um terceiro, mas acho que caiu no rio e foi levado pelas águas.

— Eram três, então?

— Sim.

— E onde está o terceiro cavalo?

— Estava com a pata machucada. Tive de sacrificá-lo.

— Não ouvi nenhum tiro — falou Waco, desconfiado.

Seus companheiros de emboscada haviam se revelado, acompanhando sua conversa com Roy.

Ben e Jack estavam preparados para agir a qualquer momento, quando Roy avisasse.

— Não tenho culpa se você é surdo — falou Roy, num tom mais baixo.

— O que você disse? — indagou Waco.

— Eu falei que ele era surdo? — disse Roy, quase rindo, aos seus primos.

— O que você disse? — insistiu Waco.

— Eu disse que o vento não estava soprando para este lado, por isso não ouviu o tiro.

Waco tirou o chapéu e coçou a cabeça.

— O que acham, rapazes? — indagou aos outros.

— Se levarmos os corpos, vamos receber nosso dinheiro do mesmo jeito — falou um deles.

— Acho que é isso mesmo — concordou Waco, tendo um idéia interessante.

Se matasse aquele vaqueiro, levaria os corpos e diria a Sam que os três que ele queria estavam mortos.

Começou a descer a encosta, com um sorriso ameaçador nos lábios. Os outros fizeram o mesmo.

— Não estou gostando disso — falou Roy.

— Problema seu. É o único que está vivo. Nós já não temos esse problema — gozou Ben.

— Engraçadinho! — repreendeu-o Jack, pronto para a luta.

Disfarçadamente Roy liberou o Colt no coldre. Ben e Jack tinham suas armas sob o corpo, fáceis de serem sacadas.

Waco se aproximou confiante.

— Vou matá-lo, vaqueiro — disse a Roy, enquanto erguia o rifle sem pressa.

Arregalou os olhos. primeiro aquele vaqueiro estava com as mãos nas rédeas. No momento seguinte, estavam empunhando um Colt.

— Eu não faria isso se fosse você — ordenou Roy, descendo do cavalo.

Ben e Frank fizeram o mesmo. Já empunhavam suas armas, quando saltaram dos cavalos.

— É uma armadilha! — gritou um dos pistoleiros, engatilhando seu rifle.

Ben disparou seu Colt, atingindo-o em pleno peito e jogando-o na poeira.

Outro tentou fazer o mesmo e Jack arrebatou-lhe a cabeça com um balaço.

Os outros soltaram as armas e ergueram os braços. Os quatro restantes foram desarmados e reunidos diante dos três rapazes.

— Bem, o que temos aqui? — falou Roy. — Estavam a nossa espera?

— Não, foi tudo um engano — apressou-se em responder um deles.

— Já comeu com um dente quebrado? — perguntou-lhe Jack, encarando-o.

— Não, por quê?

— Porque é ruim! — exclamou o rapaz, batendo com a coronha do revolver na boca do pistoleiro, que cuspiu sangue e pedaços de dentes. — Detesto mentirosos!

Os outros se intimidaram.

— Eu não sei de nada, moço — falou um pistoleiro que Waco contratara na cantina. —

Seríamos pagos para virmos aqui e matarmos três encenqueiros que estavam a caminho de Meredith...

— É... Se era para matar três encenqueiros, então o negócio era com a gente mesmo. Quem estava pagando por isto? — quis saber Ben.

— Eu não sei. Ele sabe — falou o pistoleiro, apontando para Waco, que recuou.

— Eu não posso falar... Ele me mataria...

— Acontece que nós vamos matá-lo se não contar — falou Ben, sacando sua faca. — Sempre tive vontade de escalar alguém — acrescentou, segurando Waco pelo pescoço, arrancando-lhe o chapéu com a ponta da faca e encostando a lamina na testa dele.

— Não, por favor, não faça isso — suplicou o pistoleiro, tentando se livrar.

Ben chutou-lhe o joelho, fazendo-o cair para frente. Segurou-lhe os cabelos e cortou rente ao couro cabeludo.

Saiu dançando e uivando como um índio bêbado.

— O idiota! Para escalar tem que cortar o couro cabeludo. Isso que você fez é trabalho de barbeiro — falou-lhe Jack, balançando a cabeça de um lado para outro.

— Não temos tempo para brincadeiras, rapazes. Logo vai escurecer e quero estar em Meredith quando isso acontecer. Vamos deixar nossos amiguinhos aqui irem na frente para avisarem da nossa chegada, está bem assim? — decidiu Roy.

— Assim, Roy? Sem mais nada? Esses caras iam matar a gente. Não vamos fazer nem um furinho neles? — protestou Ben, com a faca na mão.

— É... Eu não gosto disso também. Lembra-se do que vovô fazia contra quem sacava contra ele? — comentou Roy.

— Sim, quando ele não matava, ele... — lembrou-se Ben, aproximando-se dos homens com a faca na mão. — Com qual dedinho você aperta o gatilho? — indagou a Waco.

— Com este — disse Waco, apontando o indicador na direção do jovem.

O golpe foi rápido e inesperado. Waco nem chegou a sentir dor no momento.

Apenas arregalou os olhos quando viu seu dedo cair na poeira, decepado pela lamina mais afiada que uma navalha.

— Caíam fora daqui — ordenou Roy, chutando o traseiro dos pistoleiros a sua frente.

O bando correu na direção de onde haviam deixado os cavalos.

Waco, tendo apanhado seu dedo, enquanto corria tentava, pateticamente, grudá-lo de novo ao coto sangrento.

— Recolham as armas deles, rapazes. É sempre bom ter artilharia de reserva — lembrou Roy.

Sam havia fechado o saloon para que as novas garotas ensaiassem.

Um grupo de homens se concentrava nas janelas e nas frestas, animados com o novo grupo.

Lá dentro, Mineola separava, num pequeno estojo, meia dúzia de laminas sem cabo, próprias para arremesso.

— Eu adoraria jogar uma faca destas numa daquelas frestas e cegar um filho da mãe — falou a mestiça.

— Dê-se por feliz, garota. Não terá que se deitar com eles como nós temos — falou uma dançarina.

— É injusto isso — ajuntou uma outra. — Por que elas não precisam fazer isso? São melhor que nós ou só se deitam com o patrão.

Mineola apenas moveu o braço, alcançando seu chicote, que se ergueu no ar como se tivesse vida própria.

A ponta foi se enroscar no pescoço da dançarina que havia reclamado.

— Da próxima vez, eu lhe arranco a língua antes que possa cuspir outra besteira — ameaçou.

— Garotas, vamos com cAlma. Sally, nós três não nos deitamos porque somos estrelas e fazemos números especiais. Em compensação, não ganhamos as gorjetas que vocês ganham — explicou Angeline.

— Grande coisa! Juntar dinheiro para quê? — reclamou a garota.

— Para dar o fora desta porcaria de vida um dia — disse Alma, manuseando um baralho, tirando e escondendo um ás de espada com habilidade incrível.

— E então, garotas! Estão prontas? Quero abrir logo o saloon — cobrou Sam.

— Está difícil, Sam. Seu pianista não sabe as nossas músicas — reclamou uma dançarina.

— É, Sam, não sei tocar essas coisas novas...

— Vire-se Dan, ou mando buscar um outro pianista.

— Eu o ajudo com as músicas — falou Angeline, indo até o pianista.

Sam sorriu com satisfação. Pela aglomeração lá fora, teria uma noite e tanto.

Fora uma sábia decisão ter contratado as novas garotas. Isso iria atrair homens de toda a região.

Deu mais algum tempo para que o pianista se acertasse com as músicas.

Depois mandou que as garotas fossem se prepara. Quando elas saíram, ele foi abrir o saloon.

Houve um murmúrio lá fora, quando ele retirou a tranca e puxou para o lado a madeira que fechava a porta.

Sam não entendeu. Waco caminhava na direção, com um pano ensopado de sangue apertado contra a mão direita.

— O que houve? — indagou.

— Os três... Meu dedo... Eles cortaram o meu dedo, Sam — balbuciou Waco, com os olhos arregalados.

— Alguém vá buscar o doutor — ordenou Sam, levando seu pistoleiro para a sala nos fundos.

Waco foi deixando uma trilha de sangue por onde passava.

— O que houve?

— Eles nos pegaram...

— Não matou os três?

— Não. Foram mais esperto... Nos surpreenderam!

— Maldição! E onde estão?

— Vindo para cá.

— Inútil! Você é um inútil, Waco — afirmou Sam, deixando-o ali e saindo à procura de seus sócios.

O saloon se enchia de homens, à espera das atrações da noite. Alguém trouxe o doutor, que foi levado até onde estava Waco.

Sam não sabia que rumo tomar, parado no meio da rua, enquanto o céu se tingia de sangue no anoitecer.

CAPÍTULO 5

Sam correu à procura de Brad, o banqueiro, normalmente o mais ajuizado para lidar com aquele tipo de problema.

Contou-lhe o que acontecera com Waco.

— Onde está esse infeliz? — indagou Brad.

— Eu o deixei no saloon. O médico foi chamado para olhar sua mão.

— Neste caso, o melhor a fazer é ir buscá-lo para que o idiota não dê com a língua nos dentes. Depois de tratado, vamos sumir com ele.

— Mas isso não resolve o nosso problema principal. Eles estão chegando, Brad! — falou

Sam, com desespero.

— Aquele seu sobrinho idiota poderá nos ajudar, afinal. É o xerife, não/

— Franklin não saberá lidar com a situação.

— Saberá, se nós o orientarmos. Antes de mais nada, vá buscar Waco. Venha para cá com o xerife. Veremos o que fazer. Enquanto isso, tentarei localizar o resto dos rapazes.

Sam retornou ao saloon, passando antes pela cadeia. Franklin o seguiu.

O médico cauterizado o ferimento de Waco e enfaixado a sua mão.

Sam fez o que Brad recomendara, levando-o até a casa do banqueiro, que os esperava juntamente com os outros sócios.

— Conte-nos o que houve, Waco — ordenou Brad.

— Nós ficamos à espera deles... Eles nos pegaram numa armadilha... Um deles veio puxando os cavalos dos outros, atravessados sobre as selas... Nós o paramos... Ele disse que havia encontrado os dois mortos... Nos aproximamos e eles nos renderam. Mataram dois dos homens que contratei lá na cantina... Depois cortaram meu dedo e me mandaram vir avisá-lo da chegada deles — explicou o pistoleiro.

— Mataram dois homens? — indagou Brad, tendo uma idéia.

— Sim — confirmou Waco.

— Então está resolvido — afirmou Brad. — Xerife, você prenderá os três pelos crimes que Waco descreveu. Teremos quatro testemunhas para acusá-los.

— Ei, está me parece uma boa idéia — afirmou Dave.

— É uma boa saída — confirmou Sam. — Franklin, acha que pode lidar com isso?

— Claro que sim, tio. Convocarei os auxiliares.

— Isso mesmo. Levo meia dúzia deles. Waco irá com você, bem como os outros que estavam com ele. Quem são, Waco?

— Os dois que trabalham comigo no saloon e um outro homem, um vaqueiro que contratei na cantina.

— E onde estão eles?

— Por aí...

— Pois trate de achá-los e vá para a cadeia esperar pela chegada dos Sherman. Quando eles chegaram, Franklin agirá e nós lhe daremos cobertura.

— Com isto resolveremos a situação de uma vez por todas — afirmou Sam.

Eles entraram cavalgando lentamente na cidade, olhando ao redor com atenção.

Seus olhos aguçados tentavam captar todos os movimentos. As ruas, no entanto, estavam desertas.

— O que acham? — indagou Roy, detendo seu animal.

— Muito quieto para o meu gosto — afirmou Ben.

— Cadê o pessoal desta cidade? — quis saber Jack.

— Lembram-se de alguma coisa? — perguntou Roy.

— Eu me lembro do fogo... Do bosque e do frio no lago... A dor na perna também — disse Ben.

— O fogo e o carvalho... Eu os vejo de vez em quando, em meus sonhos.

— Eu me lembro dos corpos... Como enorme folhas secas balançando nos galho do carvalho — disse Roy.

— Acha que pode ser uma armadilha, Roy? — indagou Ben, liberando o Colt.

— Vamos descobrir — disse o rapaz.

Os cavalos avançaram a trote lento, pela rua principal. Ao chegarem à praça, pararam.

A música do saloon e os cavalos amarrados diante do prédio explicavam as ruas desertas.

Eles, no entanto, olhavam em outra direção. Seus olhos estavam fixos no velho carvalho, agora maior, com um tronco marcado pelo passar dos anos.

Os olhos dos três se encheram de lágrimas, enquanto as cenas daquela noite fatídica lhes voltava à memória.

Ben chegou a sentir de novo o impacto da bala em sua perna, que o deixou manco para o resto da vida.

Roy desviou os olhos para o lago. Não havia mais um bosque, apenas o fim da rua e as águas tranquilas.

— Vovô disse mesmo que haviam cortado todo o bosque... — mencionou ele.

— Disse que os troncos calcinados foram usados para construir o saloon — lembrou Jack.

— Eu me sinto mal, rapazes — disse Ben, descendo do cavalo e caminhando até o carvalho.

Fechou os olhos, tentando se lembrar. Em algum ponto, atrás dele, ficava o estábulo.

— Eu estou com sede — falou Ben, voltando o olhar para o saloon.

Levou a mão inconscientemente ao pescoço e puxou um colar, onde havia um pingente feito com um pedaço de dente.

Apertou-o na mão.

— E se encontrarmos com algum deles? — perguntou Jack. — Se encontrarmos o homem dos dentes quebrados?

— Vovô nos deu a receita da vingança e vamos fazer como ele disse. Tudo isto aqui será amaldiçoado. Quando terminarmos, Meredith será uma cidade fantasma e assim ficará para todo o sempre — comentou Roy, com amargura e decisão.

— Eu estou com sede — voltou a dizer Ben. — Aquele saloon me parece um ótimo lugar para beber uma cerveja.

— O que me diz, Roy? Vamos lá! — insistiu Jack.

— Ok! Uma cerveja não fará mal a ninguém. E depois, não iríamos achar nossas terras no escuro mesmo — decidiu ele e rumaram para o saloon.

Amarraram os cavalos, tiraram as capas e espanaram a poeira da viagem.

Olharam-se, já na porta do saloon. Lá de dentro vinha uma voz linda, cantando Old Cowboys Don't Cry.

— É a minha favorita — disse Jack, entrando primeiro.

Parou, extasiado com a beleza da garota que cantava, movendo o corpo graciosamente, enquanto desfiava a letra triste daquela música que o avô costumava cantar.

Ben e Roy o empurraram na direção do balcão. Jack se deixou arrastar emocionado.

— É linda! — exclamou Jack.

— A música ou a garota? — quis saber Ben.

— As duas — respondeu ele, apoiando-se no balcão para ficar olhando a jovem no palco. Quando ele terminou de cantar, os homens no saloon atiraram moedas no palco.

Jack separou uma nota de cinco dólares e caminhou até lá. A garota recolhia as moedas. Ele estendeu a nota.

Ela o olhou com surpresa.

— Era a favorita de meu avô — explicou o rapaz, com lágrimas nos olhos.

A visão daquele belo rapaz, com os olhos cheios de lágrimas comoveu Angeline.

Ela estendeu a mão e apanhou a cédula. Jack suspirou, olhando-a nos olhos.

— Como é seu nome? — indagou.

— Angeline!

— É um lindo nome, Angeline — sorriu ele, tocando a aba do chapéu num cumprimento rápido.

Retornou ao balcão, onde um uísque e uma cerveja já o aguardavam.

Tomou o uísque, depois entornou alguns goles de cerveja gelada, estalando a língua e respirando fundo quando terminou.

— Vocês se lembram que vovô dizia que havia conhecido a vovó num saloon, quando ela estava cantando essa música? — comentou ele.

— Eh! Pirou! — falou Jack.

— Puxa, Jack! quando é que você vai crescer? — perguntou-lhe Roy.

— Eu lhe mostro quando! — falou o rapaz, mostrando o punho fechado para o primo.

Neste momento, Angeline anunciou o numero seguinte. Estalos sucessivos de chicotes antecederam a entrada de Mineola.

Ela realizou uma frenética e impressionante coreografia, brincando com o perigoso chicote.

Quando terminou, atirou-o para o lado e apanhou suas lâminas de arremesso.

Acendeu um cigarro. Ergueu-o acima da cabeça.

— Preciso de um homem de coragem — disse ela.

— Epa, é comigo mesmo — resolveu Ben, levantando a mão.

Caminhou na direção do palco, manquitolando como sempre.

— Ela pediu um homem, não um palhaço — gritou alguém.

Todos riram. Ben parou, respirando fundo.

— Eu não disse que a encenca o persegue? — falou Roy.

— Calma, Ben. É só um idiota grunhindo — gritou Jack para o primo.

O saloon ficou em silencio. No fundo, um homem se levantou de uma das mesas.

— Falou comigo? — indagou.

— Se você é idiota e grunhe, foi com você mesmo — afirmou Jack. — E persegue a mim em segundo lugar, já reparou? — disse para Roy.

— Norris, cale a boca e vamos ver se o rapaz é corajoso mesmo — gritou alguém.

— É, depois você resolveu isso — ajuntou outro.

— É, vamos ver se ele é homem mesmo — disse, sentando-se, finalmente.

Ben foi até o palco. Subiu com dificuldade os degraus. Parou diante da mestiça, sentindo-se estremecer do fitar aqueles olhos negros e brilhantes.

— Encoste-se naquela parede e segure o cigarro com a mão direta estendida — disse a garota para Ben.

Ele caminhou até a parede. Prendeu o cigarro entre os dedos, depois estendeu o braço.

Olhou para a garota, depois para o cigarro.

— Você é boa nisso? — perguntou.

— A melhor.

— Então vamos ver — afirmou ele, pondo o cigarro entre os lábios e ficando de perfil.

— Ele é louco! — gritou alguém.

— Quando a coisa está fácil demais, ele tem de complicar — disse Roy, apanhando outra cerveja.

Mineola olhou o rapaz com admiração. Leu nos olhos dele uma confiança que lhe deu forças para tentar o número.

Jamais fizera aquilo.

— Vamos lá, eu não fumo e isto aqui está me matando — falou ele, em tom de galhofa.

Ela segurou uma das facas entre os dedos da mão direita. Levou-a para trás e a arremessou.

Ben nem teve tempo de piscar. A faca decepou o cigarro e se enterrou na madeira.

O saloon veio abaixo. O pessoal urrou de satisfação, atirando moedas no palco.

— Depois você me dá a minha parte — disse Ben, piscando um olho para ela.

Ele começou a descer a escada. Ela se aproximou. Segurou o rosto dele suavemente entre as mãos.

— Anahtitila! — sussurrou ela.

— Anahtitila! — respondeu ele, no mesmo tom.

— Sabe o que isto significa? — perguntou ela.

— Eu sei. E você?

Ela fez uma carícia no rosto dele e foi recolher as moedas que haviam atirado no palco.

Ben foi até o balcão.

— Pessoal, isto aqui está bom demais — falou, pedindo mais uma cerveja.

— E como! — exclamou Jack.

Roy, no entanto, nada disse. Seus olhos estavam fixos na garota que acabava de entrar no palco.

Alma trazia nas mão baralhos abertos. Com movimentos rápidos, ela os fechou, escondendo-os por instantes às costas, depois exibiu novamente as mãos, mostrando baralhos fechados.

Atirou-os para o ar e uma chuva de pétalas caiu sobre ela.

— Rapaz, eu não gostaria de jogar pôquer com ela — comentou Jack.

— Nem oito maluco — ajuntou Ben.

— E você, Roy? — quis saber Jack.

Roy estava mudo, olhando a garota que iniciava mais um truque com moedas.

— Dançou! — comentou Jack.

— É por isso que eu digo que isto aqui está bom demais — opinou Ben.

Roy os deixou para trás e foi caminhando na direção do placo, fascinado pela garota.

Encostou-se bem junto à escada, olhando a orelha dele, de onde, aparentemente, retirou uma moeda.

O público aplaudiu. Moedas caíram no palco. A garota estendeu a mão, convidando Roy a subir.

Ele não hesitou.

— Vejamos se este rapaz tem bons ossos — falou a garota, exibindo um tubo de metal.

— Tem coragem para se submeter a isto? — indagou ela a Roy.

— Com você vou até o inferno — sussurrou ele e ela arregalou os olhos, surpresa.

— Vamos ver, então — continuou ela, enfiando o braço dele no tubo.

Depois pôs o braço e o tubo que o envolvia dentro de uma caixa de madeira, que apenas a mão dele aparecia do outro lado.

No meio da caixa havia uma espécie de guilhotina.

— Posso? — indagou ela ao rapaz.

— Tudo que você quiser — respondeu ele.

Ela acionou a lamina, que desceu para o interior da caixa. Para dar mais impacto ao número, ela se debruçou sobre a lamina, que foi até o fim.

Sob a caixa, um líquido vermelho começou a pingar. Os homens no saloon se horrorizaram.

— Dançou! — comentou Jack, cutucando Ben.

— E foi a mão que ele usa para sacar.

— Usava!

Roy ria divertido, pois nada sentira e ainda podia mover os dedos.

A garota retirou a lamina, abriu a caixa, jogou o tubo de metal para longe e exibiu o braço intacto do rapaz.

— Muito bom! — disse ele, enlaçando-a pela cintura e beijando-a inesperadamente.

Todos aplaudiram e choveram moedas sobre eles.

— Poderíamos ficar ricos com isto — murmurou ele.

— Talvez — respondeu ela, piscando um olho e começando a recolher as moedas.

— A gente se vê — falou ele e começou a descer a escada do palco.

Repentinamente, o saloon ficou em silencio. Roy parou, no meio da escada, olhando para a porta.

O xerife e meia dúzia de auxiliares, acompanhados de Waco e de mais três homens, acabavam de entrar e vasculhava o saloon à procura dele e de seus primos.

CAPÍTULO 6

Os três primos se reuniram junto ao balcão.

— Ali... Foram aqueles três — apontou Waco.

Os outros presentes abriram um claro, deixando os três isolados. O xerife se aproximou,

acompanhado dos auxiliares.

— Vocês três, são acusados de matar dois homens e ferir outro no Desfiladeiro Van Horn, hoje à tarde — declarou o homem da lei.

— Olha a encrenca aí de novo! — comentou Ben.

— Xerife, deve haver um mal entendido aí — afirmou Jack, com cara de inocente.

— Mal entendido uma ova! Olha aqui o que você fez com o meu dedo! — falou Waco, mostrando seu ferimento para Ben, que fez um movimento de corpo e o pistoleiro se encolheu todo, assustado.

— Você fez isso? — indagou o xerife a ele.

— Claro, xerife. Não havia outra alternativa — respondeu Ben, inocentemente.

— Como assim?

— Ele não falou da cascavel?

— Que cascavel? — confundiu-se o xerife.

— É, não havia cascavel nenhuma — protestou Waco.

— Estou falando da cascavel que mordeu seu dedo, idiota! — mencionou Ben, olhando Waco nos olhos.

Waco entendeu aquele olhar e se intimou. Estaria perdido se os rapazes sofressem alguma coisa.

— Xerife, deixe-nos explicar o que está havendo — pediu Roy. — Vínhamos para a cidade, quando, no desfiladeiro em questão, ouvimos um grito. Esse homem aí saiu correndo, com uma cascavel pendurada no dedo. Meu primo aqui, para salvar-lhe a vida, cortou-lhe o dedo. Não havia outra alternativa. Os dois amigos dele, ao verem isso, julgaram que meu primo fosse fazer algo monstruoso com o rapaz ali e tentaram disparar contra nós. Não tivemos tempo de explicar o que havia. Tivemos de matá-los. Pode perguntar aos outros. Aproveite também e pergunte o que eles faziam lá no desfiladeiro — finalizou Roy.

O xerife ficou indeciso. Havia muitas testemunhas ali e um dos pistoleiros poderia cometer uma indiscrição.

Se falassem da emboscada, comprometeriam Sam e os outros.

— Mas quem são vocês, afinal? — indagou o xerife a eles, tentando ganhar tempo.

— São nossos parceiros no show — anunciou Alma, do palco.

Todos os olhares se voltaram na direção dela. Angeline e Mineola a acompanhavam.

— Como é? — surpreendeu-se o xerife.

— Eles fazem parte do número. Vocês viram. Fazemos parecer casual a presença deles, mas é tudo ensaiado — explicou ela, mentindo.

Os três primos trocaram olhares surpresos.

— Thompson não me falou em mais três auxiliares. Nem vocês! — exclamou Sam Tyler, saindo de trás da multidão.

— Thompson é um escroque mentiroso e trapaceiro — juntou Angeline.

— É melhor esclarecermos tudo isso direitinho — ordenou Sam, encarando os rapazes.

Os pedaços deles fuzilaram Sam, ao perceberem a falta em sua boca.

Os pedaços de dentes que lhe faltavam estavam com eles, nos colares que traziam ao pescoço.

Ben, mais afoito, fez um movimento de partir para cima dele.

Roy o deteve, segurando-o pelo braço.

— Deixe-me matá-lo só um pouquinho, Roy! Por favor! — suplicou o rapaz ao primo.

— Se fizer isso tudo estará perdido. Não viu o que as garotas fizeram? Salvaram nossas vidas. Não vamos agora comprometê-las.

Ben virou as costas para não encarar Sam. Roy, pelo contrário, o olhou bem dentro dos olhos.

O dono do saloon estremeceu. Sabia que as garotas mentiam. Aqueles eram os Sherman.

— Como é seu nome? — indagou o xerife.

— Sou Roy Dover e estes são meus primos, Ben e Jack Dover, xerife.

— O que fazem aqui, então?

— De passagem. Paramos para tomar uma cerveja.

— E para onde estão indo?

— Para o norte. É crime isto?

— É mentira! Eles estão mentindo! — gritou Waco, furioso, sacando sua arma.

Um grito de dor varou o saloon. Waco soltou a arma e levou a mão ao ombro esquerdo.

A lâmina arremessada por Mineola cravara-se profundamente ali.

— Maldição! São mentiroso! — gritou o outro homem que acompanhava Waco, sacando também sua arma.

O xerife e os auxiliares saltaram para o lado, abrindo caminho entre ele e os primos perto do balcão.

O pistoleiro nem chegou a engatilhar o Colt. Roy meteu-lhe um balaço entre os olhos, espatifando seus miolos, que se espalharam pelo assoalho.

O xerife se levantou envergonhado. Sam estava possesso, mas nada podia fazer naquele momento.

— Percebeu, xerife? Eu não tive alternativa. Vocês deixaram o homem sacar contra nós — repreendeu-o Roy.

— Está certo... Sim, certo! Mas terminem logo a cerveja e saiam da cidade — decretou o homem da lei.

— Queremos saber se poderemos levar nossas garotas — falou Ben e Sam avermelhou-se de puro ódio.

— Não vão levar nada! Eu as comprei em Tompson Tumber e elas fazem parte do show — protestou Sam.

— Nós a compramos de volta — disse Jack.

— Sim, quanto quer por elas? — insistiu Roy, retirando um maço de notas.

Apesar dos olhos de Sam brilharem de cobiça, ele percebeu, no momento, que a única forma de controlar aqueles homens poderia ser através daquelas garotas.

— Não, elas não estão à venda — declarou.

As garotas ficaram decepcionadas no palco. Roy e os primos foram até elas.

— Estamos gratos pelo que fizeram — disse Roy, olhos fixos em Alma.

— Tentamos ajudar — sorriu ela, com simpatia.

— Para onde vão? — indagou Mineola a Ben.

— Para o norte... Mas não muito longe. Voltaremos logo.

— Você canta muito bem — disse Jack a Angeline. — E foi ótima nos ajudando.

— Cuidado! Pela expressão de Sam, ele está ansioso para acabar com vocês.

Os três primos se despediram delas. Ao saírem, passando por Sam, cada um deles mostrou o pingente que trazia no pescoço.

— Isto é seu. Viemos para devolver... Com juro... E para pegar o que é nosso — avisou Roy, olhando-o nos olhos com todo o ódio que lhe era possível.

Sam ficou traspassado. Encostou-se no balcão e pediu uma dose de uísque.

Enquanto isso, lá fora, Roy olhava a escuridão do fim da rua.

— Como vamos encontrar nossa terra nesta escuridão? — indagou.

— Poderemos ficar na cidade, dormir e procurar amanhã, ao amanhecer. — disse Ben.

— Com o xerife em nosso calcanhares? Onde nos esconderíamos?

— Num lugar muito agradável — falou Ben, mostrando um pedaço de papel.

— O que é isso? — quis saber Jack.

— É um bilhete de Mineola, a mestiça índia. Ela e suas amigas nos convidam para passarmos a noite no quarto delas, nos fundos do saloon.

— Isto está me cheirando a encrenca — declarou Roy.

— E que encrenca adorável! — exclamou Jack.

— Vamos lá! O que temos a perder? Elas são fantásticas, vocês viram.

— Certo. Não temos outra escolha mesmo — decidiu-se, afinal, o líder deles. — Como chegamos lá?

— Há um mapa bem simples e fácil de entender. Sigam-me. Vamos esconder os cavalos primeiro — avisou Ben.

Brad, Sam e o xerife se reuniram na sala dos fundos do saloon, onde os sócios costumavam jogar pôquer.

— Nosso plano falhou e quase fomos delatados — comentou Sam.

— Esse seu sobrinho é um banana mesmo — protestou Brad. — Poderia ter aproveitado a chance e iniciado um tiroteio. Se matasse aqueles três estaríamos livres deles.

— Como iniciar um tiroteio? — reclamou Franklin. — Você viu como aquele sujeito sacou? Ele nem se moveu e a arma apareceu na mão dele. São pistoleiros profissionais. Teriam liquidado a mim e aos meus auxiliares num piscar de olhos...

— Ele tem razão, Brad. Precisamos de especialistas para enfrentar esses três — concluiu Sam.

— Para onde eles estão indo, cavalgando rumo norte? — quis saber Brad, intrigado.

— Para as terras deles, na parte do lago.

— Para quê? Sabem que não poderão fazer nada aqui, a não ser cultivar problemas.

Vieram resolvidos.

— Você viu o que eles traziam no pescoço? — perguntou Sam, demonstrando medo.

— O que era, tio?

— Os pedaços dos meus dentes.

— Sério? — questionou-o Brad.

— Sim, você não viu?

— Nos velhos tempos nós montaríamos nosso cavalos, usaríamos os lenços e penduraríamos os três no velho carvalho da praça — falou Brad. — Agora acho que temos de pedir ajuda. Sam, pode mandar um homem ainda hoje a Amarillo?

— Sim, para quê?

— Mande-o procurar nosso contato, o oficial do registro de terras, levando uma carta nossa. Vamos pedir-lhe que nos consiga dez dos melhores pistoleiros de Amarillo.

— Dez? Isso vai nos custar caro — lembrou Sam.

— O que acha de perdemos tudo que já construímos? É o que acontecerá com aqueles três arruaceiros por perto.

— Tem razão. Escreva a carta. Vou mandar meu mensageiro se prepara para a viagem. As dançarinas animavam o saloon, escolhendo os homens com quem passariam a noite. Os mais generosos seriam os escolhidos. Eles prendiam cédulas nas ligas das meias delas.

Uma nota de dez dólares garantia uma noite de prazeres com a garota escolhida.

Sam, apesar de tudo, estava satisfeito. Só não gostará do que as três estrelas do show haviam feito.

Por algum motivo, tentaram livrar a pele dos rapazes. Por isso ele iria ter uma conversinha com elas.

Depois que despachou o mensageiro com a carta escrita por Brad, Sam foi para o pavimento superior do saloon.

Avançou pelo corredor, levando um chicote em sua mão. Estava decidido a dar uma lição naquelas três.

Seria cuidadoso. Não bateria no rosto nem nos seios para não estragar a mercadoria.

Mas seria delicioso esquentar-lhes os traseiros com umas boas chicotadas para que elas se lembrassem que ele era o patrão ali e não deveria ser aborrecido.

A porta estava trancada. Bateu com força.

— Abram! Preciso falar com vocês.

— Já acabamos nosso show. Vamos dormir. Estamos muito cansadas.

— Vão estar mais cansadas ainda quando eu terminar com vocês — afirmou ele,

chutando a porta e arrebatando a fechadura.

As garotas correram se esconder num canto do quarto.

— Eu avisei vocês — disse ele, estalando o chicote.

— Não fizemos nada. O que quer, afinal? — protestou Angeline.

— Lá embaixo, esta noite, vocês mentiram e protegeram aqueles três pistoleiros.

— Não mentimos. Era verdade. Somos as garotas deles — afirmou Mineola, lamentando não estar de posse de suas laminas de arremesso.

Viu o chicote na mão de Sam. Sabia o que aquilo poderia fazer na pele de uma pessoa.

— Se são as garotas deles, é mais um motivo para que eu lhes dê uma lição, garotas.

Porque jamais voltarão a vê-los, eu prometo — afirmou ele, caminhando na direção delas.

— Não prometa o que não pode cumprir — recomendou-lhe Ben, saindo do esconderijo atrás da porta.

Jack e Roy estavam com ele. Sam ficou pálido. Suas pernas começaram a tremer. Estava desarmado, apenas com aquele chicote, inútil para enfrentar três pistoleiros.

— Garotas, preparem as malas. Vocês vão viajar — avisou Jack.

— Não podem levá-las. Eu paguei por elas...

Roy quase enfiou o dedo indicador no nariz dele.

— Cale-se, seu traste. O que você e seus amigos nos tomaram vale muito mais do que o que pagou por elas. E você sabe disso.

— O que vieram fazer aqui — indagou o dono do saloon, recuando, intimidado.

— Reclamar o que é nosso.

— Isto aqui é uma cidade agora... Nada pode ser feito... Era muita terra para vocês...

Apenas três famílias e...

— Se abrir de novo sua boca imunda, eu juro como corto a sua língua — ameaçou Ben, sacando sua faca e exibindo-a para o assustado facínora a sua frente.

— Deixe-o, Ben. Quando terminarmos o que viemos fazer aqui, eles não terão muita coisa de que se orgulhar — sentenciou Roy.

— O que vão fazer, malditos? O que vão fazer? — indagou Sam, preocupado.

— Vamos tirar tudo que vocês têm, só isso — avisou Jack.

— Estamos prontas — informou Alma.

— Leve-as para baixo, Jack. Vamos tratar de amarrar e amordaçar este banguela aqui — avisou Roy.

— Devíamos matá-lo — propôs Ben.

— Lembre-se dos planos, Ben. E depois, não quero ser caçado por todo o território pelo assassinato desse homem. A natureza fará tudo por nós.

— Malditos! Não escaparão disso com vida! — rugiu Sam, em desespero, erguendo o chicote para desferi-lo contra os dois rapazes.

Era a oportunidade que Ben esporeava.

— Obrigado, idiota! — murmurou ele, sacando sua faca e enfiou-a barriga de Sam.

A afiada lamina de Bowie enterrou-se até o cabo, a ponta rasgando o coração do dono do saloon, que estrebuchou.

Ben retirou a faca e o sangue começou escorrer, manchando as roupas de Sam.

— Vamos embora! Ele é um homem morto — declarou Ben.

Ele e Roy trataram de sair dali, indo no encontro de Jack e das garotas.

Montaram seus cavalos e saíram na escuridão. No saloon, tropeçando, usando suas últimas reservas de forças, Sam havia conseguido chegar ao fim do corredor.

No alto da escada ele tentou falar algo, mas apenas vomitou sangue.

Um murmúrio assustado percorreu o local, quando ele rolou, deixando um rastro de sangue na escada.

CAPÍTULO 7

Para Brad, a morte de Sam foi oportuna. Imediatamente um funeral foi organizado. O corpo do dono do saloon foi grotescamente acomodado sobre o balcão, todo lambuzado de sangue.

Velas foram acesas ao seu redor e um ar de câmara mortuária foi improvisado.

A cidade de Meredith não estava acostumada a cenas como aquelas.

Ao longo do tempo, havia conseguido conviver pacificamente, sendo raras as ocasiões quando a lei foi necessária.

Sam Tyler e seus sócios souberam impor suas próprias leis ao local e todos os respeitavam, desconhecendo seus passados de banditismo e mortes.

Os outros sócios se reuniram. A cidade toda se concentrava no saloon. Brad Marshall, o banqueiro, resolveu, com a aprovação dos amigos, explorar aquele fato.

Poderiam tirar proveito da morte de Sam, jogando toda a cidade contra os jovens da família Sherman.

Seriam caçados impiedosamente e mortos, liquidados de uma vez por todas com os problemas dos donos de Meredith.

— Cidadãos de Meredith! O que aconteceu aqui hoje é tudo aquilo que sempre abominados em nossa cidade. Pistoleiros sem piedade mataram Sam, o nosso Sam, o homem bom que todos conheciam. E agora? O que nós, que éramos amigos dele, que o respeitávamos, que reconhecíamos o que ele fez pela cidade, vamos fazer? — discursou ele, inflamado, no alto de uma cadeira.

— Devíamos ir atrás deles — sugeriu All Cooper.

— Sim, deveríamos caça-los e pendurá-los num árvore bem alta para servir de exemplo para outros como eles — juntou Dave Danton.

— É isso mesmo! Por que desperdiçarmos o dinheiro honesto dos cidadãos de Meredith levando a julgamento bandidos dessa espécie? Eles rirão de nós se os prendermos e os levarmos a julgamento. Na certa contarão com a vida de amigos para livrá-los das garras da lei. Não permitamos que isso aconteça, homens. Vamos caça-los, vamos usar a lei de Lynch contra eles — sugeriu Brad.

Alguém passou a ele uma corda, em cuja ponta fora dado um nó de força.

Brad o levantou acima de sua cabeça e gritou:

— Aqui está, amigos: a justiça dos linchadores, a mais rápida e mais temida!

A multidão, inflamada, encheu-se de entusiasmo.

— Quem está comigo nesta caçada? — gritou Brad.

Dezenas de mãos foram levantadas.

— Muito bem, em quinze minutos nos reunimos em frente do saloon. Tragam armas e muita munição. Vamos prepara tochas. Nós conhecemos a região e eles, não. Isso vai facilitar nosso trabalho.

Os homens se dispersaram rapidamente, saindo em busca de suas armas e de seus cavalos.

Brad sorriu satisfeito, descendo da cadeira. Foi cercado pelos amigos.

— Teremos de ir juntos — falou Clarck.

— Sim, para o caso de apanharem aqueles bastardos com vida — lembrou Dave.

— Não se preocupe, rapazes. Franklin, o xerife, cuidará de tudo, não é, rapaz? — comentou Brad, fazendo um sinal para que o sobrinho de Sam se aproximasse.

— Eu farei tudo para que eles não sejam pegos com vida — prometeu Franklin.

— Ótimo! Sabe que, com a morte de Sam, você herda todas as propriedades dele, não? Passa a ser nosso mais novo sócio — lembrou Brad, batendo nas costas do xerife.

— Eu farei jus à confiança de vocês, sócios — prometeu ele, todo cheio de si.

— Então vá reunir os homens e pegar a pista daqueles malditos. — ordenou Brad.

Franklin foi cumprir a ordem.

— Pronto, rapazes! Acho que está tudo encaminhado. Aqueles garotos nos fizeram um favor, matando Sam. Terão toda a cidade contra eles e nosso xerife para se encarregar de que

não sejam pegos com vida. perfeito, não? — comentou Brad.

— Eu não sei, Brad. Acho que devíamos ir juntos. Esses três não são de brincadeira, nós os vimos em ação. São pistoleiros treinados — comentou Dave.

— Fique tranquilo. Há algo que eu e Sam já havíamos feito. Mandamos um mensageiro e Amarillo, buscar dez dos melhores pistoleiros de lá. Se a patrulha não capturar os garotos, os pistoleiros os acharão. De um modo ou de outro, o nosso problema será resolvido satisfatoriamente — prometeu Brad.

— Sendo assim... — aprovou Dave, com um sorriso de alívio nos lábios.

No alto de uma colina, de onde se descortinava uma vista panorâmica da cidade e do lago, o grupo havia parado.

Ben e Roy explicaram a Jack e às garotas o que havia acontecido no saloon, após a saída deles.

— E você o matou? — indagou Jack.

— Seguramente. Cravei minha faca na pança dele até o cabo. Devo ter retalhado seu maldito coração — contou Ben.

— E agora? Com certeza virão em nosso encalço — falou Angeline.

— É possível. Temos de chegar a nossas terras. Vovô fez aquele mapa que decoramos, mas agora, no escuro, não é tão fácil assim achar o desfiladeiro onde passa o rio — comentou Roy, riscando um fósforo e acendendo algumas folhas secas.

Desembrulhou um velho mapa e acomodou-o no terreno.

— Aqui está a cidade — apontou ele. — ali o lago. Temos de ir para o norte, na direção daquelas montanhas ao longe, conseguem ver?

— Sim, acho que conseguiremos chegar lá, Roy — disse Ben.

— E os outros homens, Roy? Com certeza estavam lá também, no mesmo saloon onde estivemos — lembrou Jack.

— De que homens estão falando? — indagou Mineola.

— Nosso pai foram mortos por Sam e mais cinco homens, todo amigos. Segundo meu avô, eles tomaram posse das terras que eram nossas e construíram a cidade, além de lotearem todo os ranchos ao redor. Nós viemos para nos vingarmos disso tudo — explicou Roy.

— Pelo que sei, Sam tinha mais cinco sócios mesmo — falou Alma. — Ouvi a conversa do barman com um vaqueiro. Os sócios, se não me engano, ajudaram mesmo a fundar a cidade.

— São eles. Sabe os nomes e quem são? — indagou Jack, interessado.

— Não, infelizmente não.

— Descobriremos mais tarde, rapazes. Agora temos de nós pôr a caminho — decidiu Roy.

— Vejam aquilo — apontou Angeline, na direção da cidade, onde, na rua principal, as tochas acesas criavam um efeito estranho.

— Eles vêm atrás de nós — interpretou Roy. — Vamos tentar seguir ao máximo por terreno pedregoso.

— Nosso cavalos levam carga extra — disse Ben.

— Só que temos uma dianteira — falou-lhe Jack. — Não nos pegarão, tenho certeza.

— A caminho então, rapazes e garotas — determinou Roy e todos montaram rapidamente.

Cavalgaram o mais depressa que lhes foi possível, conseguindo sempre manter a dianteira em relação à patrulha que os seguia, separados por uma distância não maior que uma duas milhas.

As tochas que a patrulha levava era um bom indicador para os fugitivos, avisando-os quando tinham de acelerar para manter sempre a mesma dianteira.

Finalmente, após algumas horas de cavalgada, avistaram os contornos do desfiladeiro.

— Vejam, é logo à frente — falou Roy.

— Jack, prepare a dinamite logo — avisou-lhe Ben.

— Dinamite? O que vão fazer? — indagou Angeline, assustada.

— Não se preocupe, querida. Está tudo matematicamente planejado — explicou Jack.

— Como assim?

— Quando nossos pais foram mortos, nós três fugimos, com um pouco de comida e algum dinheiro, numa égua velha, de estimação. Demoramos seis meses para chegar a Oklahoma City, onde morava meu avô. Ele nos recolheu, nos criou e nos ensinou a usar uma arma. Há muito tempo ele viajou para Meredith, comprou um pedaço de terra e traçou planos para nossa vingança. Este desfiladeiro é parte importante no processo todo. Vocês verão o que vai acontecer.

Chegaram ao desfiladeiro e cavalgaram até um ponto determinado, onde a passagem se estreitava e a estrada dividia o espaço com o rio que descia e ia alimentar o lago, algumas milhas abaixo.

Jack sabia exatamente o que fazer. Seu avô havia narrado tudo com tantos detalhes e tantas vezes que não havia como errar.

O pacote de dinamite estava pronto. Ele desceu do cavalo e subiu pela encosta, escalando as rochas.

— Rápido, eles estão vindo — a visou Angeline.

— Dará tempo, não se preocupe — tranquilizou-a Roy.

Jack instalou o pacote de dinamite no local escolhido, depois desceu, desenrolando o estopim.

— De quanto tempo precisamos? — indagou ele.

— Em cinco minutos poderemos chegar ao platô que vovô disse havia logo à frente, Jack — respondeu-lhe Roy.

O rapaz cortou o estopim, acendeu um fósforo e ateou-lhe fogo.

— Vamos embora, pessoal! — alertou ele, descendo apressadamente a encosta e montando.

Os três esporearam seus cavalos e seguiram pela estrada, ao lado do rio, penetrando no desfiladeiro.

Não muito longe, as tochas vinham em perseguição deles, aproximando-se do cânion.

— Eu não entendo o que vocês vão fazer — comentou Angeline, apertando-se forte contra o corpo de Jack, enquanto galopavam pela estrada.

— Vamos explodir o desfiladeiro — explicou ele.

— E como vamos sair?

— Vovô descobriu uma passagem em um platô, logo à frente. Por ela pode-se descer a montanha e chegar à cidade ou ao lago.

A estrada subia agora por um aclave acentuado, até chegar ao alto num platô de onde se podia ver o rio lá embaixo.

— Eles estão chagando ao desfiladeiro — apontou Jack, descendo do cavalo.

As tochas se aproximavam da entrada. De repente, uma explosão ensurdecadora ecoou violentamente, abalando o solo, como um breve tremor de terras.

Todo o paredão onde fora instalada a dinamite ruiu. Pedras enormes rolaram, bloqueando a passagem.

Os homens com as tochas recuaram assustados. Alguns cavalos dispararam, levando consigo seus desesperados cavaleiros.

— Lá está a cabana que vovô construiu — descobriu Ben.

— Ótimo! Estaremos acomodados, enquanto esperemos pelo próximo lance — afirmou Roy.

— Acha que devemos vigiar a passagem secreta? Alguém pode saber dela e tentar subir — alertou Jack.

— Não precisa. Vamos instalar uma armadilha, conforme vovô recomendou. Se alguém tentar subir, vai se dar mal — decidiu Roy. — Eu e Jack cuidamos disso. Ben, leve a comida

que trouxemos para dentro. Seria bom um café agora.

Amanhecia, quando a patrulha, extenuada e frustrada, voltou à cidade. Brad, que adormecera numa cadeira diante do saloon, despertou assustado.

Franklin vinha à frente. Os primeiros raios de sol iluminavam o lago.

— E então? — indagou Brad, ansioso.

— Nós os perdemos...

— Como?

— Uma explosão...

— Explosão? Sim, ouvimos uma explosão daqui. O que foi, afinal?

— Eles bloquearam a entrada do desfiladeiro. Não pudemos passar.

— Diabos! Por que fizeram isso?

— Acho que para se safarem, só que caíram na própria armadilha. Terão de andar muito por aquele desfiladeiro, até encontrarem uma saída.

— O que houve? — quis saber Dave, saindo do saloon.

— Vamos conversar lá dentro — disse Brad, convidando Franklin para que o seguisse.

De passagem pelo salão, levaram juntos os demais sócios.

— Tem alguma coisa errada nisso tudo — comentou Brad, após Franklin ter feito um relato do que ocorrera.

— Como assim, Brad? — quis saber Clarck, ainda sonolento.

— Por que dinamitar o desfiladeiro? Vai bloquear a água.

— A água é vida desta cidade — lembrou Brad. — Sem ela, os ranchos todos sofrerão.

— Acha que isso é parte de algum plano, Brad? — indagou-lhe Bert Cooper.

— Sim, isso está me parecendo coisa pensada. Imagine quanta água poderá ser represada naquele desfiladeiro? O lago secaria antes — previu Brad.

— É, só que eu me assustaria com outra coisa — comentou Franklin.

— O que quer dizer? — quis saber Dave.

— Depois que todo aquele desfiladeiro se encher de água, imagine o que aconteceria se a barragem fosse dinamita. A massa de água varreria Meredith do mapa.

Os homens se entreolharam apreensivos. O leito do rio não conteria toda a água, que alagaria todas as terras às margens do lago, principalmente se este se secasse, sem rio para alimentá-lo.

— Eles não destruiriam uma cidade inteira só por vingança — disse All, incrédulo.

— E quem pode nos garantir isso? Quanto tempo demoraria para encher aquele desfiladeiro? E o lago, como ficaria sem água? Todo o gado que pasta ao redor dele, como ficaria? Há um problema de tempo, rapazes. O inverno se aproxima. Com ele as chuvas fortes e a neve. Tudo servirá para alimentar aquela bomba que, cedo ou tarde, explodirá em nossas cabeças — comentou Franklin, alarmado. — E quando a população souber do que está acontecendo? Quem poderá impedir o pânico? Vamos ter problemas... Aliás, já temos problemas, pessoal.

— Poderemos ir até lá e dinamitar as rochas que fecham o desfiladeiro — lembrou Dave.

— Não vai adiantar. Só vai pulverizar a rocha, mas não a tirará do lugar. É preciso a pressão do rio do outro lado para deslocar as pedras, quando aconteceu a explosão. Só que isso terá que ser feito no tempo certo. Para saber disso e para fazer isso, teremos de ir até lá. Seríamos mortos como patos, tentando chegar ao local. Do alto do desfiladeiro um homem pode deter um batalhão — observou Franklin.

— Eu andei muito por lá — falou Bert Cooper, pensativo. — Há uma passagem, no interior do desfiladeiro, de onde se pode descer a montanha, rumando para o leste. Se conseguíssemos encontrar de novo o lugar, poderíamos enviar um grupo e atacar os Sherman por trás, liquidando-os.

— Quando chegam os pistoleiros? — indagou Dave a Brad.

— A qualquer momento.
— Se Bert se lembrar do lugar, seria o ponto ideal para introduzir os pistoleiros no desfiladeiro e mandá-los contra aqueles malditos.
— Eu me lembrarei. Nem que tenha que ir com eles, mas acharei o local — prometeu Bert.

CAPÍTULO 8

O sol estava a pino, aquecendo o dia que amanhecerá nublado. Uma tempestade se aproximava.

As garotas estavam na cabana, preparando alguns coelhos que Roy havia caçado.

Os três rapazes, no lado de fora, observavam o rio lá embaixo.

— Quanto tempo acha que teremos de esperar? — indagou Jack.

— Não muito, se chover — respondeu Roy.

— Pena que não tivemos tempo de reforçar nossa provisões, como tínhamos planejado — falou Ben.

— Daremos um jeito nisso. Hoje à noite, eu e Jack iremos à cidade e roubaremos um pouco do que precisamos. Aquela cidade nos deve muito, muito mais do que conseguiremos pegar — comentou Roy.

— E por que não posso ir também? — quis saber Ben. — Alguém terá de ficar para cuidar das garotas. Você é o melhor para isso — explicou Roy. — Aproveitaremos para ver como andam as coisas por lá.

— Vão tentar descobrir os outros sócios de Sam?

— Sim, e deixar os bilhetes também. Vamos esparramar uma cópia em cada casa. As garotas nos ajudarão a escrevê-los.

— Ótimo! Está tudo correndo como prevíamos! — exclamou Ben, levantando-se. — Está cheirando bem!

Os três caminharam na direção da cabana, onde entraram logo em seguida.

Sem que percebessem, no entanto, um índio os vigiara todo o tempo, oculto atrás de uma rocha.

Era Coiote Ligeiro, um sioux desgarrado que fora batedor do Exército e agora acompanhava quem lhe pagasse melhor.

Fazia parte do grupo que viera de Amarillo. Bert e All Cooper os havia levado, assim que chegaram a Meredith, naquela caçada à procura da trilha para subir a montanha e entrar no desfiladeiro.

Coiote Ligeiro era um homem acostumado ao seu trabalho. Encontrara a armadilha na passagem.

Um esbarrão num galho estrategicamente colocado e blocos de pedra desceriam pelo estreito caminho, esmagando os incautos que ali passassem.

Ouvira tudo que precisava ouvir. Regressou pelo caminho secreto até onde estavam os Cooper e os demais pistoleiros.

— E então, Coiote Ligeiro? — indagou-lhe George West, o homem que liderava o bando de dez pistoleiros no total.

— Estão lá acima. Há uma cabana, um platô sobre o rio. Estão seguros.

— Podemos surpreendê-los?

— Sim, mas Coiote Ligeiro ouviu conversa. Melhor não. Dois deles irão à cidade à noite. Um ficará com as mulheres.

— O que tem em mente?

— Preparar armadilha. Primeiro pegar homem que ficará sozinho, junto com mulheres. Usar eles como isca para pegar outros na cidade.

— O que me dizem? — indagou George aos Cooper.

— O que os dois vão fazer na cidade? — indagou Bert ao índio.
— Buscar comida e deixar papel escrito.
— Papel escrito? Com o quê?
— Não falaram.
— O que acha? — indagou Bert ao irmão.
— Estão tramando alguma coisa. Talvez avisar a população, pôr medo, provocar o pânico.
— E se os esperarmos aqui embaixo? — perguntou Bert.
— Lá, naquela passagem — apontou o índio. — De lá se vê toda a região, não há onde esconder. Teremos de cavalgar meia milha ao norte, para esconder em uma ravina, até eles irem.

— Se nos virem lá de cima, jamais conseguiremos subir e eles poderão nos deter indefinidamente. A passagem é estreita... — ia explicando George.

— E tem armadilha de pedras que rolam — Completou o sioux.

— Então vamos fazer o seguinte — decidiu Bert. — Vocês ficam aqui e capturam o homem que vai ficar com as mulheres. Levem todos para a cidade...

— Inclusive as mulheres? — indagou George.

— Sim, são valiosas e pertencem ao saloon. — frisou Bert. — Eu e meu irmão vamos para a cidade e prepararemos um comitê de recepção para os dois. Se não conseguirmos pegá-los, usaremos o terceiro como isca, então.

— Como quiserem, cavalheiros — concordou George West, fazendo um sinal para os seus pistoleiros.

Todos montaram. Os facínoras rumaram para a ravina, onde se esconderiam. Bert e All tomaram a direção da cidade.

Nuvens escuras se comprimiam no céu. Um vento frio soprava e os relâmpagos já eram vistos ao longe.

Na cabana, quando terminaram o almoço, a chuva já havia chegado, torrencial.

— Isso vai ajudar a encher o desfiladeiro mais depressa — comentou Jack.

— Por que isso é importante? — quis saber Angeline.

— Porque será nossa maior arma para reavermos tudo que nos pertence — explicou Jack.

— Como?

— Roy vai pedir a ajuda de vocês para escrevermos alguns bilhetes, que serão deixados nas casas de Meredith. Vamos avisar a população que, assim que o desfiladeiro todo se encher de água, nós vamos dinamitar a barragem.

— Meu Deus! Isso vai varrer a cidade do mapa — surpreendeu-se a garota.

— É o objetivo.

— Sério? Não é cruel demais?

— Não. Em algum lugar dessas terras estão sepultados os corpos de nosso país. Nem podemos lhes prestar uma homenagem. Essas terras seriam nossa por herança. Eles a tomaram. Nós vamos reaver, deixando-a como ela era antes, quando não havia cidade.

— O que lucrarão com isso?

— Não queremos lucro. Queremos vingança!

— Acho que entendo isso — falou Mineola. — As terras de minha tribo foram invadidas. Fomos expulsos pelos brancos. Se pudesse fazer o mesmo, não hesitaria um segundo.

— É isso aí, garotas! Como Frank já avisou, podem nos ajudar com os bilhetes? Há bastante lápis e papel. Queremos terminar logo para podermos partir e chegar à Meredith no entardecer. Com o tempo assim, poderemos sair antes até — falou Roy.

Todos se atiraram com a fúria à tarefa.

Bert Cooper e seu irmão chegaram à cidade no meio do maior temporal.

Pararam diante do saloon, onde Sam estava sendo velado. Brad foi ao encontro deles.

— Maldita chuva! — disse o banqueiro. — Íamos enterrar o Sam agora. Como foi tudo por lá?

Bert explicou-lhe o plano. Brad os chamou, assim como os outros, para a sala nos fundos.

— Como vamos pegar esses dois? — quis saber Dave.

— Se eles vêm à procura de comida, irão direto ao armazém. Basta vigiarmos o local — explicou Brad.

— Há quanto tempo você não saca uma arma, Brad? — indagou Clarck.

— O que isso tem a ver?

— Vamos nós encará-los? Eles são rápidos demais para nós. Ficamos gordos e lentos.

— Mesmo gordo e lento, podemos enfrentá-los, se tivermos as armas corretas — falou Brad, indo até a parede e apanhando uma espingarda que ali estava.

Era uma Overland, de dois canos e grosso calibre. exibiu-a aos outros.

— Dois tiros desta espingarda podem pulverizar um búfalo. Com uma dessas, nós podemos encará-los.

— Eles virão com cautela e não são tolos. Já provaram isso, gente. Brad pode estar certo, mas não vamos nos arriscar. Os pistoleiros estão sendo pagos para isso. Deixem-nos apanharem o terceiro deles e as mulheres. Nós os trazemos para cá e preparamos uma recepção, juntamente com os pistoleiros. Aí, sim, eles não terão chance — propôs Bert.

— Bert tem razão. Vamos deixá-los entrar na cidade. Se eles vão distribuir os bilhetes, gastarão muito tempo nisso, tempo suficiente para que George West traga seus prisioneiros, permitindo-nos prepara-lhes uma recepção inesquecível — concordou All.

— O que me dizem? — perguntou Bert.

— Você está certo, Bert — concordou Dave, seguindo por Clarck e, finalmente, Brad.

— Vamos preparar as armas, então. Apanharei as que tenho na casa de armas, juntamente com toda a munição que precisaremos — falou Bert.

— Vamos enterrar Sam, mesmo com chuva. Depois fecharemos o saloon. O espetáculo desta noite será particular — falou Franklin.

— Certo, xerife. Bem pensado! — elogiou-o Brad.

Longe dali, Jack e Roy vestiam suas capas de viagem e selavam seus cavalos.

— Cuidado na descida da passagem, com a armadilha — alertou Ben.

— Não se preocupe. Vamos neutralizá-la, para evitar qualquer problema. Quando voltarmos, nós ativaremos de novo.

— Cuidem-se! — disse Angeline, olhando Jack com olhos brilhantes.

Alma demonstrava também toda a sua preocupação em relação a Roy.

— Promete que vão se cuidar? — pediu ela.

— Claro, fique tranqüila. Faremos que tem que quer ser feito e voltaremos em segurança. Descanse bastante. Foi um dia agitado para você — disse Roy, com carinho.

Em resposta ela o abraçou e o beijou carinhosamente. Angeline não deixou por menos.

— E eu? — quis saber Ben.

— Eu cuido de você — decidiu Mineola, enlaçando-o pela cintura e levando-o para a cabana.

Roy e Jack montaram, saudaram suas garotas, depois rumaram para a passagem, descendo-a com toda a cautela.

Ainda havia claridade no céu, apesar das nuvens escuras. Quando chegaram ao pé da montanha, esporearam seus cavalos para aproveitarem o resto de luz.

George e seus homens esperaram que eles se afastassem. Só então deixaram seus esconderijo.

— Coiote Ligeiro, vá na frente e cuide da armadilha — pediu George.

O índio o atendeu. O grupo começou a subir cuidadosamente a montanha, através da passagem.

Na cabana, as garotas haviam arrumado suas camas para dormirem.

Mineola e Ben conversavam juntos ao fogo.

— Para onde vão depois que tudo isto terminar? — perguntou a garota.

— Vamos volta a Oklahoma City. Meu avô nos deixou uma propriedade lá. Vamos continuar criando cavalos para o Exército.

— E estas terras? Vão abandoná-las?

— Depois que terminarmos, estas terras serão malditas. Duvido que alguém queira ocupá-las, sabendo do que aconteceu aqui. — falou ele, olhando a garota nos olhos.

Instintivamente, sem alertar as outras, ambos reagiram. Ben levou a mão às costas, sacando sua faca.

Mineola apanhou uma velha faca que fora usada para esfolar os coelhos.

Haviam ouvido barulho lá fora, apesar da chuva que tamborilava no telhado.

Viraram-se ao mesmo tempo. Um pontapé abriu a porta com violência, deixando o vento frio e a chuva entrarem.

Angeline e Alma gritaram, quando Coiote Ligeiro entrou na cabana, com sua machadinha na mão.

Os movimentos de Ben e Mineola foram simultâneos. As duas laminas atravessaram a cabana e foram se cravar no peito do índio, que arregalou os olhos e ficou olhando para os cabos das facas enterradas em seu peito.

Caiu de joelhos. Um pistoleiro saltou por sobre seu corpo, com um rifle na mão.

Ben já havia sacado sua arma e disparado, pegando-o no ar, derrubando-o já morto no chão da cabana.

— Pare! — ordenou George West, com dois Colts nas mãos, apontados na direção de Angeline e Alma.

— Quem são? O que querem? — perguntou Ben.

George empurrou o corpo de Coiote Ligeiro com o pé, fazendo-o virar de cara para cima.

— Demônios! Você matou dois de meus melhores amigos — comentou, aproximando-se de Ben, que havia soltado a arma, diante da ameaça contra Angeline e Alma.

Sem aviso, George bateu com o cano da arma na testa do garoto, jogando-o contra a parede.

Mineola saltou como uma fera sobre George e suas unhas traçaram sulcos no rosto dele.

— Maldita gata índia! — exclamou ele, segurando-a pelos cabelos e girando-a, jogando-a na direção da porta, onde seus homens e agarraram.

Mão pesadas passearam sobre os seios e coxas da garota, que se debateu inutilmente.

— Mantenham-na quieta — ordenou George, voltando-se para olhar Ben.

Um pedaço de lenha em brasa veio na direção de seu rosto, George desviou o rosto a tempo, mas a chama queimou seus cabelos e a aba de seu chapéu.

— Primeiro mata dois amigos meus, agora queima meu cabelo e meu chapéu — protestou George, batendo de novo com o cano da arma na cabeça do rapaz, pondo-o para dormir.

Mineola tanto se debateu que conseguiu se livrar dos homens e correr em socorro de Ben.

Amparou a cabeça dele. Suas mãos e seu colo se manchou de sangue.

— Mantenha-o quieto, garota, e não terei que quebrar a cabeça deles — avisou o pistoleiro.

— O que querem? — indagou Angeline.

— Quero que se vistam, garotas. Vamos voltar à cidade — ordenou ele.

— Nesta chuva?

— Sim. Vamos logo que não quero problemas para descer a passagem no escuro. Vocês aí, procurem óleo para fazermos uma tochas.

Ben foi amarrado e posto num cavalo com Mineola, que o amparava.

As outras duas garotas foram levadas na garupa de dois dos pistoleiros, já que os corpos de Coiote Ligeiro e seu amigo eram atravessados nas selas de seus cavalos.

— Vamos embora! — ordenou George, atirando uma tocha no interior da cabana. — Isso nos dará a luz que precisamos para descer a encosta.

Sob a chuva e os relâmpagos, eles começaram a descer a passagem.

As chamadas que devoravam a cabana forneceram clareza suplementar, permitindo que chegassem ao pé da montanha sem maiores problemas.

Dali cavalgaram para a cidade. Ben, embora aturdido, tentava imaginar uma forma de escapara, mas era difícil, pois as rédeas de seu cavalo eram puxadas por um dos pistoleiros. Resignou-se. Teria de esperar uma chance melhor. Se é que ela surgiria.

CAPÍTULO 9

Ben foi empurrado violentamente para dentro do saloon. Um dos pistoleiros estendeu o pé, fazendo-o tropeçar.

Ele rolou no assoalho. Mineola tentou correr em seu auxílio, mas foi barrada por Franklin.

— Vocês, garotas! — disse ele, furioso. — Subam e se preparem para um show particular.

As três se entreolharam, sem entender. Mineola se debatia, querendo auxiliar Ben.

Franklin se aproximou dela e a esbofeteou. A índia o olhou com fúria nos olhos.

— Faça o que mandei ou arranco seu couro — determinou o xerife e novo dono do saloon.

As garotas foram empurradas na direção da escada e obrigadas a subir.

Brad se aproximou de Ben, que tentava se levantar, apoiando-se numa cadeira.

O banqueiro empurrou a cadeira para longe, fazendo-o cair de cara no chão.

Riu sarcasticamente.

— Vejam, rapazes. Este pedaço de lixo nos deu tanta preocupação, mas o que é ele?

Nada. Nada mesmo, diante de nós — falou Brad, com desprezo.

Dave se aproximou e chutou o rosto do garoto caído, que gemeu e rolou no assoalho.

— Não o machuque, Dave. Pelo menos por enquanto — pediu Brad.

— E os outros dois? — perguntou George.

— Já foram vistos na cidade. Estamos preparando uma recepção para eles — informou Brad, apontando as espingardas que estavam enfileiradas sobre o balcão.

— Para que tanta artilharia?

— Não queremos facilitar — explicou Brad. — Levantem esse bastardo e o amarrem ali — apontou.

Ben foi levado para junto da escada. Suas mãos foram amarradas, às costas dos pilares laterais.

Estava atordoado e sangrando pelo nariz, após o chute de Dave.

Olhou os homens a sua frente. Com exceção dos pistoleiros, os outros deveriam ser os assassinos de seus pais e de seus tios, com certeza.

— Vão se arrepender de tudo — avisou ele.

Brad e os outros começaram a rir. Brad se aproximou e o esbofeteou.

— Cale-se, idiota! Você é um homem morto, sabia?

Ben o olhou com todo o seu ódio, lutando contra as cordas que o prendiam.

Os nós, no entanto, eram fortes demais para serem rompidos facilmente.

Lá encima, os pistoleiros empurravam as garotas para fora do quarto, levando-as pelo corredor.

Vestiam seus melhores trajes de show, embora ignorassem o que desejavam delas.

Quando surgiram no alto da escada, Franklin e os outros aplaudiram.

— O que querem de nós? — indagou Angeline.

— Queremos um show. Você vai cantar para nós — avisou Franklin. — As outras esperam aí mesmo, no alto da escada.

Angeline foi levada pelos pistoleiros para o palco. Alma e Mineola ficaram no patamar, observando.

— Conseguiu? — indagou Mineola.

— Sim — respondeu Alma, passando algo para ela, disfarçadamente.

Era uma das laminas de arremesso da Índia, que Alma, com sua habilidade de prestidigitadora, havia apanhado sem que os pistoleiros percebessem.

— E para você? — quis saber a Índia.

Alma mostrou a mão fechada, depois a abriu lentamente. Havia um Derringer nela.

— É pouco! — falou Mineola.

— Mas dará para armarmos uma boa confusão. Principalmente se Angeline fizer o que combinamos.

— Ela fará, no momento certo.

— Cante! — ordenou Franklin.

Ele e os outros sócios já haviam se armado. Os pistoleiros ficaram a postos.

Angeline não entendeu o que pretendiam.

— Cante, maldita! — insistiu o dono do saloon, indo até o palco e esbofeteando-a.

Alma precisou segurar Mineola, senão a Índia teria arremessado a lamina contra o xerife.

— Angeline começou a cantar *Horses on the Road*, como combinamos — alertou Alma.

Lá embaixo, no entanto, Franklin interrompeu a garota.

— Cante aquela música que cantou no dia em que eles chegaram aqui — ordenou, erguendo a mão para esbofeteá-la de novo.

A garota engoliu seco, percebendo, então, o que eles pretendia.

Se Jack a ouvisse cantando aquela música, certamente reconheceria a voz dela e iria verificar.

Seria, então, pego na armadilha.

— Cante senão corto suas amigas ao meio — ordenou o xerife, apontando sua espingarda na direção de Alma e Mineola.

Angeline não teve alternativa. Começou a cantar a canção que tanto agradara Jack.

Lá fora, mesmo com o barulho da chuva, sua voz melodiosa cortou a noite.

Roy e Jack haviam entrado no armazém pelos fundos. Estavam reunindo a comida que levariam, quando Jack interrompeu seu trabalho para ficar atento.

— O que foi? — quis saber Roy.

— Ouça! — pediu Jack, indo até a porta da frente.

Havia luz no saloon, no outro lado da praça. A voz de Angeline chegava até eles.

— É Angeline! — exclamou Jack.

Um relâmpago cortou a noite, iluminando os cavalos parados na chuva, em frente ao saloon.

Jack e Roy se entreolharam.

— Você viu o mesmo que eu vi? — perguntou Roy.

— Era o cavalo de Ben, não?

— Sim, reconheço aquele alazão em qualquer lugar.

— Diabos, o que houve?

— Ben capturado... Angeline cantando... Isso não parece um convite para nós?

— Se for, estão sendo convincentes.

— O que vamos fazer?

— Não sei, mas acho que todos os ratos estão entocados no mesmo lugar — observou Jack.

— Isso me dá uma idéia.

— O que tem em mente?

— Estou pensando num modo de desentocarmos alguns ratos.

— Fogo?

— Sim.

— Mas não sabemos como está a situação lá dentro, Roy. E se Ben e as garotas estiverem em perigo?

— Estão em perigo e correndo risco de vida, Jack. Temos que fazer nossa parte para salvá-los.

— Tem um plano?

— Acho que sim.

Roy vasculhou as prateleiras, auxiliado pelos clarões dos relâmpagos.

— Ali! — apontou, indo apanhar uma lata de combustível para lampiões. — Você vai incendiar os fundos do saloon, depois esperar na porta da frente, escondido junto ao velho carvalho.

— E você, Roy?

— Eu entrarei pelos fundos, pelo mesmo lugar onde chegamos ao quarto das garotas ontem à noite. De lá irei até a escada e verei o que está havendo. Quando você ouvir tiros, ateie fogo e corra para a frente do saloon, entendeu?

— Certo! Tem certeza que vai dar certo?

— Não temos outra alternativa.

Os dois saíram pelos fundos do armazém, contornaram a praça e foram dar nos fundo do saloon.

O combustível foi esparramado na sala de entrada e na escada que levava ao corredor, no pavimento superior.

Jack ficou ali, esperando o sinal, enquanto Roy subia cautelosamente.

Levava um rifle em cada mão, carregados. No cinturão, dois Colts. As armas extras eram para Ben.

Chegou ao fim do corredor. A voz de Angeline era mais nítida. Pode ouvir também conversas masculinas.

Caminhou cautelosamente até o fim do corredor. Parou a poucos passos de Alma e Mineola.

Dali podia ver os homens no balcão, Angeline no palco e os pistoleiros espalhados pelo saloon.

Ben estava fora de suas vistas.

— Não se virem, garotas. Ajam normalmente — pediu ele, em voz baixa.

— Roy? — indagou Alma, feliz por ele estar ali.

— Sim. Vocês estão bem?

— Não nos machucaram.

— E Ben, não o vejo?

— Está amarrado no final do corrimão da escada.

— Diabos! Como vamos soltá-lo?

— Eu posso fazer isso — disse Mineola.

— Como?

— Tenho uma de minhas lâminas de arremesso. Posso cortar a corda que o prende.

— Certeza? Se errar poderá atingir as costas dele — avisou Alma.

— Eu nunca erro — afirmou a índia.

— Então Angeline precisa cantar a música que combinamos — falou Alma.

— Que música? — quis saber Roy.

— Espere e verá — pediu a garota, notando que a música chegava ao fim.

Angeline se voltou para olhar as amigas. Alma lhe fez um sinal. Ela começou a cantar a música que haviam combinado antes.

De repente, ela emitiu um agudo e o sustentou, aumentando o som, até se tornar ensurdecedor.

A poderosa nota estilhaçou alguns copos e fez os vitrais do saloon voarem em pedaços, assustando e distraindo os homens lá dentro.

Mineola arremessou certeira a lamina, que foi se cravar na madeira, após cortar a corda.

Ben sentiu que algo havia acontecido, pois suas mãos ficaram livres.

Olhou para a escada. Alma lhe girou o Derringer. Roy puxou as duas garotas para trás, sacando seu Colt e disparando.

Franklin e George West tombaram para trás, com seus chapéus recheados de sangue e

miolos.

Por instantes os outros pistoleiros ficaram indecisos. A arma caiu na mão de Ben, que engatilhou e abriu fogo, atingindo os dois pistoleiros que vigiavam Angeline.

Tentou correr na direção dela, para protegê-la, mas Brad Marshall fez fogo com sua espingarda.

Ben sentiu seu braço pegar fogo, tamanha a quantidade de grãos de chumbo que vararam-lhe a pele.

Ele saltou sobre Angeline, empurrando-a para os fundos do palco.

O Saloon se transformou numa praça de guerra. As paredes ao redor de Roy e de onde estavam Ben e Angeline viraram peneira, de tanto chumbo que as estilhaçavam.

— Roy, preciso de uma arma — gritou Ben.

Roy deu um dos Colts para Mineola, que mostrou sua perícia, abatendo dois pistoleiros que se escondiam atrás do balcão.

Roy jogou o rifle na direção do palco. A arma caiu a alguns palmos de Ben.

— Protejam-me — pediu Ben, rolando no assoalho e apanhando a arma.

Um pistoleiro correu na direção do palco, mas interrompeu a corrida quando a bala disparada por Ben o atingiu no peito.

Os pistoleiros restantes, ao perceberem que morriam inutilmente numa briga que não era deles, correram para a porta.

Jack os esperava, matando-os impiedosamente. A fumaça da pólvora tomou conta do saloon, juntando-se logo à que vinha dos fundos.

— Está pegando fogo! — gritou Brad.

— Demônios, Roy! Você pôs fogo na casa? — gritou Ben.

— Está porcaria foi feita com a madeira do bosque queimado — lembrou Roy. — Este é o melhor destino para ela.

— Você aí, podemos negociar? — indagou Brad. — Temos dinheiro, muito dinheiro.

— Não temos negócios com vocês. Mataram nossos pais e vão pagar por isso. Olho por olho — lembrou Roy.

— Foi um erro de nossa juventude... Vocês precisam entender. Construímos uma cidade aqui... Não podem destruí-la agora...

— Esta cidade foi construída sobre as sepulturas de meus pais e de meus tios. Não há perdão para ela.

— Resolvam logo ou vamos morrer assados aqui dentro — avisou Ben.

— O que querem que façamos? — perguntou Brad.

— Quero que façam uma declaração, assumindo a culpa pela morte de nossos parentes, assinados por todos vocês. Quero que declarem, também, que falsificaram o registro e que esta terra, por direito, é nossa. Façam isso e poderemos negociar — determinou Roy.

— Não podemos fazer isso... Será a nossa ruína... Seremos enforcados...

— Ou isso ou morrerão assados.

Brad reuniu rapidamente seus sócios.

— Depois de fazer o que eles querem.

— Está louco, Brad — falou Dave.

— Olhe lá fora. O p[ovo está vindo ver o que aconteceu. Fazemos a declaração, para que nos deixem sair. Lá fora jogaremos a cidade contra eles.

— Acha que dará certo?

— Brad tem razão. É nossa única chance. Os homens que estiveram na patrulha estão lá fora agora. Não esqueceram ainda a morte de Sam nem a explosão do desfiladeiro, que bloqueou o rio. Em quem acha que acreditarão? — opinou Bert.

— De qualquer maneira, diremos que eles nos chantagearam, ameaçando de morte, se não escrevêssemos a declaração —a juntou Al cooper.

Brad deixou de lado a arma e se levantou, com as mãos para cima.

— Ok, vou escrever a declaração. Diga como a deseja — falou, abaixando a mão para tirar um lápis do bolso e apanhar um pedaço de papel atrás do balcão.

Lá fora, de arma em punho, Jack detinha os homens que desejam formar a brigada de incêndio.

— Toda esta cidade foi construída sobre um crime sórdido, mentiras e desonestidade, pessoal. E vamos provar tudo isso — disse ele,

— Quem nos garante que vocês não são os facínoras que deram a entender?

— Porque estou pedindo a confiança de vocês — declarou o rapaz, guardando sua arma, depois encarando todos eles com decisão.

Lá dentro Brad terminou de copiar a declaração. Assinou, depois seus sócios fizeram o mesmo.

— Garotas, apanhem a declaração e saiam, juntamente com Angeline.

As duas desceram até o balcão, apanharam a declaração. Angeline se juntou a elas.

— Leve a declaração para que o povo tome conhecimento dela — pediu Roy.

— Fomos enganados! — gritou Dave, erguendo a arma e atirando na direção das três garotas.

— Cuidado! — gritou Roy, em desespero, pois apenas percebeu Dave pelo reflexo no espelho atrás do balcão.

CAPÍTULO 10

Ben não sentia o braço, crivado pelos chumbos do disparo de Brad.

Com apenas uma das mãos ele engatilhou o rifle e o apontou na direção de Dave, disparando.

Do alto da escada, Roy viu o reflexo do atirador pintar-se de sangue, antes do vidro se estilhaçar.

Dave caiu para trás, batendo na prateleira e derrubando-a. Garrafas se partiram e o cheiro de uísque foi se misturando ao da pólvora e ao sangue.

As garotas haviam escapado ilesas. Jack apanhou, em seu cavalo, uma velha cópia do registro provisório, que provava que as terras todas haviam pertencido a seus parentes.

Os homens e mulheres não tiveram alternativa senão acreditar neles.

Lá dentro, o fogo começava a invadir o saloon, já cheio de fumaça.

— Roy, temos de dar o fora daqui — gritou Ben, encurralado no palco, de onde não tinha saída. — Estou perdendo muito sangue.

— Agüente firme — pediu Roy, percebendo que a situação de seu primo era crítica.

Com aquela perna manca, Ben não teria velocidade para correr até a porta, sem ser novamente atingido.

Sangrando como deveria estar, logo estaria fraco demais para tentar escapar.

O fogo avançava agora inexoravelmente.

— Rendam-se, homens — gritou Roy, numa tentativa desesperada. — A estar altura, meu primo lá foram já deve ter mostrado a declaração ao povo. Além disso, meu avô, quando esteve aqui para comprar a terra, conseguiu uma cópia do registro provisório, provando que a terra pertencia a nós.

— É mentira! Esse registro foi destruído — gritou Brad, tentando localizar Roy para atirar nele.

— Engano seu. O oficial de registro de terras é precavido. Ele não destruiu a cópia. Vendeu-a por um bom preço a meu avô. Vocês não têm saída.

Apontou a direção para os outros três ainda vivos. Oito canos, de grosso calibre, foram apontados para o alto da escada.

— Vamos morrer todos queimados — falou Brad.

— Eu posso escapar pelos fundos — disse Roy. — Vocês, não.

Brad fez um sinal para os outros e eles dispararam as cargas duplas ao mesmo tempo.

O alto da escada foi praticamente destruído, com lascas sendo arrancadas e jogadas para o alto.

Roy viu as lascas passando a milímetros de seu rosto, quase o atingindo.

O cheiro forte da fumaça e do uísque esparramado atrás do balcão tornava o ar

irrespirável e nauseante.

— Como está, Roy? — indagou Ben, quanto Brad e seus sócios recarregavam as espingardas.

— Estou bem, e você?

— Ainda vivo.

Roy pensou por instantes.

— Ben, com todo esse cheiro de uísque esparramado atrás do balcão, você não fica com vontade de tomar um gole? — indagou ao primo.

— Acho que prefiro uma cerveja, primo. É mais... — interrompeu-se ele, entendendo o que Roy queira dizer.

Olhou atentamente. Havia lampiões na parede, atrás do balcão, ao lado do espelho, agora estilhaçado e manchado de sangue..

Onde Dave caíra, as garrafas haviam tombado da prateleira e quebrado.

Se conseguisse atingir o lampião, derrubando-o, faria uma bela fogueira atrás do balcão.

— Roy, vamos ver os raios correram apavorados? — gritou Ben, mirando com uma só mão.

— Estou esperando para ver, Ben.

O rapaz disparou o primeiro tiro, mas errou. Sentia-se fraco. Além disso, com a perda de sangue, sua mão tremia e sua visão turvava-se.

— Tente de novo, Ben.

Brad e os outros perceberam o que o rapaz pretendia. Suas armas se voltaram na direção de Ben, disparando incessantemente.

A madeira foi se lascando e voando, juntamente com os chumbos que zuniam sobre a cabeça do rapaz.

Roy preparou-se, aproveitando que todas as atenções estavam concentradas em seu primo.

Quando apontou seu rifle na direção do lampião, Fred percebeu a manobra e disparou contra ele.

Roy se jogou para trás a tempo. A carga de chumbo abriu um rombo na parede, bem no ponto onde ele estaria.

Lá fora, junto à porta, Jack e as garotas também perceberam o que Roy pretendia.

— Dê-me o rifle — pediu Mineola.

— É perigoso! — alertou Jack.

— Não para mim. Posso fazê-lo tão rápido que eles nem perceberão quem atirou.

— Confie nela, Jack — disse Angeline.

Jack engatilhou o rifle e passou-o para a garota. Ela ficou em pé ao lado da porta.

Respirou fundo.

Girou o corpo rapidamente, com o rifle apontado. O disparo foi certo, derrubando o lampião.

Ela voltou à posição inicial tão rápido que o lampião ainda nem havia tocado o assoalho.

— Rapaz! — surpreendeu-se Jack.

Por momentos houve silêncio no saloon. Depois, uma chama brilhou fracamente, quando o vidro do lampião se quebrou, ao tocar a madeira.

Em seguida, o fogo subiu como uma erupção. Atrás do balcão, Brad e os outros tiraram seus paletós e tentaram apagar o fogo. As chamas dominavam o tecido, no entanto, e eles não tiveram outra saída.

Ao invés de se entregarem, saíram disparando. Roy e Ben se abaixaram de novo, enquanto as espingardas eram descarregadas.

Os sócios correram para o meio do salão. A fumaça já dificultava a visão.

Roy mal os via, mas Ben os tinha contra a chama que ardiam atrás do balcão.

Disparou seu rifle, apanhando Clarck Pleasant em pleno peito. Ele caiu para trás, disparando sua espingarda para o alto, fazendo um rombo no teto, por onde a chuva começou a entrar.

As espingardas foram engatilhadas novamente. Roy disparou uma sequência rápida de tiros, mas apenas feriu All Cooper na perna.

Em resposta, nova descarga de chumbo abriu um rombo bem ao lado dele e outras passaram fazendo furos no chapéu de Ben.

Jack, naquele momento, rolou para dentro do saloon, juntando-se aos primos, pegando os bandidos enquanto eles recarregavam as espingardas.

— Estou aqui — gritou ele, disparando contra All, que estava ajoelhado, depois de ferido na perna.

Viu o chapéu dele voar longe e uma mancha vermelha desenhar-se na testa de All, que caiu para trás sem um gemido.

— Meu irmão... Você matou meu irmão — gritou Bert, avançou contra Jack.

Ben, no entanto, já o tinha na mira. Disparou seu rifle certeira, atingindo-o à altura do coração.

Bert deixou cair a espingarda e recuou alguns passos, olhando para a ferida em seu peito.

As dançarinas, que estavam nos quartos, agora assustadas com o fogo e imaginando que o tiroteio tivesse terminado, atropelaram Roy e correram para a escada.

Brad, o único sobrevivente, apenas viu os vultos no meio da fumaça.

Ergueu a espingarda para disparar contra elas. Jack o atingiu no braço direito, esmigalhando o osso, fazendo as lascas vararem a pele e a manga da camisa.

Ele urrou de dor, enquanto a espingarda caía no assoalho.

— Meu braço... Meu braço... — murmurou ele, caminhando na direção da porta.

Jack o deteve, apontando seu Colt para atesta dele.

— Mate-o, Jack! — pediu Ben.

— Não, Jack. Não o mate. Acho que a cidade vai querer ajustar contas com ele — pediu Roy, descendo a escada e indo ajudar Ben a sair do saloon.

A chuva lá fora refrescou seus corpos. Brad gemia de dor, olhando o estrago feito em seu braço.

Os homens da brigada de incêndio se mobilizaram. Alguns cidadãos cercaram Brad e os rapazes.

— Sr. Marshall, é verdade o que dizem estes documentos? — falou um deles, protegendo os papéis sob um guarda-chuva.

— É mentira... Eles nos forçaram... Vocês viram...

— E os pistoleiros lá dentro? Quem os contratou? — indagou Angeline.

— Não podem acreditar neles, rapazes. Vocês nos conhecem... Sabem o que fizemos por esta cidade... Eles são uns facínoras... Pistoleiros da pior espécie... Vocês têm que acreditar em mim... — suplicou o banqueiro.

O telhado, nos fundos do saloon, ruiu com um estrondo que lançou fagulhas para o céu e abalou toda a estrutura restante.

Todos se voltaram para olhar. Num gesto desesperado, Brad sacou a arma de um cidadão distraído.

— Ele está armado! — gritou alguém.

— Ninguém se mexa — ordenou Brad, tentando correr para longe.

Roy, Ben e Jack sacaram suas armas ao mesmo tempo e dispararam ao mesmo tempo.

Brad foi jogado contra o tronco do velho carvalho. Tentou se segurar na casca áspera, mas a vida se esvaía de seu corpo ferido três vezes.

Ele caiu de cara na lama e estrebuchou. O restante do saloon desmoronou. Os três rapazes se juntaram em silêncio, olhando as chamas.

— E agora? — indagou Ben.

— Antes de mais nada, vamos cuidar desse braço — disse Roy.

— Eu faço isso — disse o médico, aproximando-se. — Vamos até o meu consultório.

Os três e as garotas, seguidos por uma pequena multidão, foram até a casa do médico.

Ele cortou fora a manga da camisa de Ben e começou a tratar os furos feitos pelos

chumbos.

— Bem, rapazes! O que pretende agora? — indagou o doutor a eles. — Vão reclamar as terras?

— Acho que não temos mais nada aqui — falou Jack, com tristeza.

— Também acho — concordou Ben.

— Punimos os homens que foram os causadores de nossa infelicidade — afirmou Roy.

— Não é justo que a cidade pague pelos desonestos. Todos aqui agiram de boa fé, quando compraram os lotes. Sem a água do lago, logo todos estarão em desespero, vendo o gado morrer de sede.

Os três rapazes se entreolhara.

— Acho que isso não precisará acontecer, doutor. — falou Roy. — Com esta chuva, o desfiladeiro deve ter se enchido já o suficiente para fazer pressão contra as rochas. Amanhã iremos lá e instalaremos dinamite para fazer o rio voltar a correr para o lago.

— Não vão se arrepender disso, rapazes.

— Espero que não, doutor.

— Vão ficar?

— Não, acho que não — informou Roy.

— Vocês têm um bom pedaço de terra lá encima — comentou o médico.

— Sei disso, mas temos outro melhor em Oklahoma City, nos esperando. — disse Ben.

— A nós e a nossas garotas...

— Isto é, se elas quiserem ir — falou Jack.

— Caramba! Pensei que nunca fossem convidar — observou Alma, aproximando-se de Roy.

Ela sorriu e o abraçou com ternura. O médico enfaixava o braço de Ben.

Depois foi para a varanda da casa e informar o povo da decisão dos rapazes.

Gritos e hurras, entusiasmados, saudaram os três. Eles não tinham motivo algum para se orgulhar daquilo tudo.

Queriam apenas ir embora com suas mulheres.

FIM

[Página Anterior](#)

[Índice](#)